This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

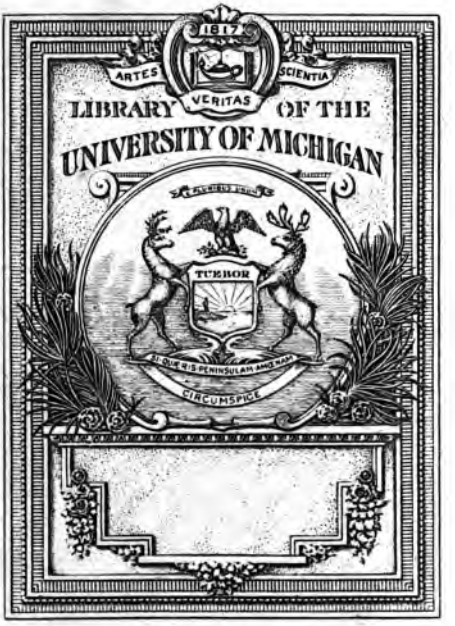
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

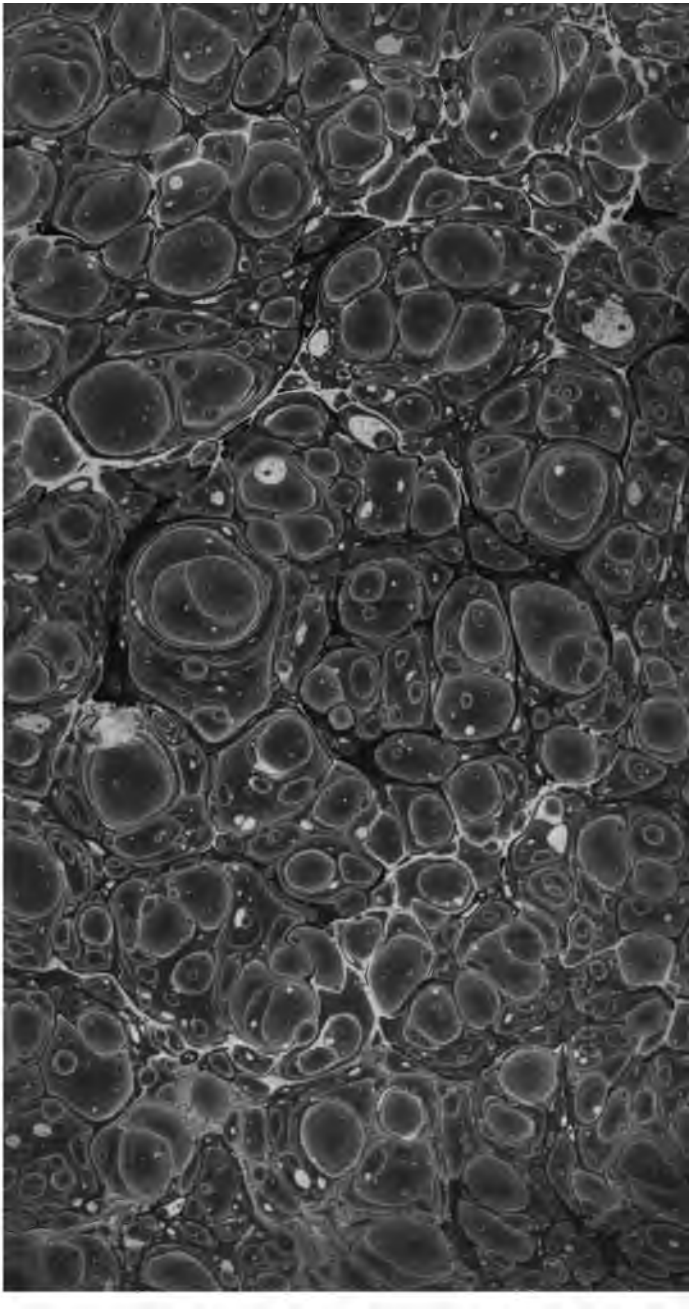
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

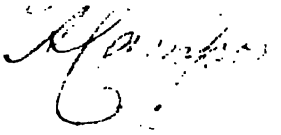
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`


1817
ARTES
VERITAS
SCIENTIA
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN
TUEBOR
SI QUÆRIS PENINSULAM AMŒNAM
CIRCUMSPICE



20!

1?



ELYSABETHA TRIUNFANTE.

ELYSABETHA

TRIUNFANTE,

POEMA HEROICO LATINO

Em dois Cantos

DE FR. JERONIMO VAHIA,

TRASLADADO EM VERSOS SOLTOS

Por J.-A.-C.-H.

PARIS.

NA TYPOGRAPHIA DE PAUL RENOUARD,

RUA GARENCIÈRE, N. 5.

—

1831.

PA
8585
.V13
E43

705-281-176

PREFAÇÃO.

Talvez alguem me tache de mao avaliador do tempo em me occupar na traducçaõ do poema de *Fr. Jeronimo Vahia* n' uma epocha em que os acontecimentos politicos, naõ só absorvem a attençaõ de todos, mas naõ deixaõ espaço para occupações litterarias. Aos que assim me encrepassem eu podéra responder, que quando o traduzi, eu tinha, e desgraçadamente ainda continúo a ter, todo o tempo á minha desposiçaõ, et que foi precisamente este motivo que me moveo a tomar esta tarefa. Mas seguramente naõ será dos amadores da poesia latina, que eu merecerei este reparo; delles presumo eu ter adquirido direitos á sua estima por vingar do esquecimento um poema que faz honra ás nossas lettras, tanto pelo seu estylo corrente e facil, como pela pureza da sua

dicçaõ e belleza das suas imagens. O Auctor farto da liçaõ dos Classicos, que fazia o principal estudo daquelle tempo, parece ter tomado Virgilio por modelo, cujo espirito muitas vezes o anima; dotado alem disso d' uma imaginaçaõ fecunda, elle acha sempre os exemplos os mais appropriados, e entretece com summa arte no corpo do poema os episodios os mais agradaveis, formando com a obra um unico todo, que torna a sua leitura taõ variada como instructiva.

Se eu houvera de fallar das poesias portuguezas do Auctor, eu naõ fizera delle um juizo taõ favoravel. Nascido pouco depois da dominaçaõ Hespanhola em Portugal, isto é, n' um tempo em que a *Inquisiçaõ* e os *Jesuitas* trabalharaõ com mais inergia para reduzirem a ignorancia a systema, elle naõ podia ficar isento da calamidade geral que pesava sobre todos, e que determinou o que se chama espirito do seculo. Entaõ o bom gosto se perdeo; em logar das bellezas simplices e naturaes dos bons modelos, vieraõ os *trocadilhos* de palavras, os *conceitos*, e o *refinamento* das frases e dos pensamentos, accompanhados de hyperboles atrevidas, e de metaphoras remotas e forçadas. Accresceo a este mao gosto, outra naõ menor calamidade, que foi a corrupçaõ da castiça

e pura linguagem portugueza, introduzindo-se desnecessariamente muitos vocabulos novos, e muitas construcções viciosas, e insolitas que demandaõ muito cuidado e esmero ainda hoje para se evitarem. *Fr. Jeronimo Vahia* escrevendo em uma lingua morta, cujos Classicos lhe eraõ familiares, naõ cahio (é necessario fazer-lhe esta justiça) taõ frequentemente nestes defeitos; mas naõ póde deixar de conhecer-se em muitas partes que esta era a tendencia do seu espirito, pelo cuidado que tem d' aproveitar toda a occasiaõ que se lhe offerece de sacrificar ao gosto do seu tempo. *A Fenis*, por exemplo, *é ave do sol, e sol das aves; a nascente do Mondego é uma estrella que excede a luz da lua*, e algumas outras expressões deste genero que pela maior parte se omittiraõ na traducçaõ.

Mas se quizermos ser justos, naõ faremos cargo ao auctor destes defeitos, mas ao tempo em que escreveo; pois só aos homens de genio é dado abrirem uma carreira nova, e deixarem atraz o seu seculo.

Fr. Jeronimo Vahia nasceo em Coimbra, tomou o habito de S. Bento em Tibaens em 4 de maio de 1643, foi prégador regio de D. Affonso 6°, e chronista da sua religiaõ. Escreveo

varias obras de que *Machado* faz memoria na sua *Bibliotecha lusitana* e delle diz : *De todos os alumnos do Parnasso, de que era fecunda a sua idade , nenhum lhe disputou a primazia, ou fosse na magestade do estilo epico, ou na cadencia da metrificação lyrica em a qual o seu genio jovial e nunca pueril se excedia a si mesmo, usando de equivocos taõ naturaes e proprios que privou da gloria de unico neste genero de composiçaõ ao celebre Jeronimo Cancer. Para todos os assumptos assi sagrados como profanos se elevava taõ altamente a sua musa em o idioma latino e materno que parecia ser o seu influxo mais divino que homano.*

Morreo no convento de S. Romaõ de Neyva, junto a Vianna do Minho em 1688.

ELISABETHA TRIUMPHANS.

LIBER PRIMUS.

Ille ego, cui quondam Lysio sermone canenti
Limpida currebant de paupere carmina venâ,
Carmina divini tenerum modulamen Amoris,
Nunc Latiâ desudo tubâ, nunc horrida Martis

Arma cano, meritamque sacræ pia nomina pacis
Reginam, Lysiæ decus immortale coronæ:
Auspice quæ cœlo, quæque indignante barathro
Hinc potuit genitum, atque illinc revocare maritum,
Et fera terribilis conclusit limina Jani,
Armatasque manus dextra superavit inermi.

ELYSABETHA TRIUNFANTE.

CANTO PRIMEIRO.

Cantando outr 'ora em metro Lusitano,
Jucundos sons tirei da humilde avena,
Maviosas canções do Amor divino:
Agora de Mavorte em Lacia tuba,

Eu canto as armas e a Rainha sancta,
Que Rainha de paz celebra o Mundo, (*a*)
Ornamento immortal do sceptro Luso;
Que tendo o ceo propicio, adverso o Averno,
Seu filho congraçando e seu marido,
Desarmada venceo armadas turmas,
E de Jano cerrou as ferreas portas.

Monda, per Herculeos placido vagus agmine campos
Qui fluis, et fontis radiatus sydere frontem
Lucida noctivagæ pervincis cornua Lunæ;
Si te (contempto, veneratus, Apolline) sector
Aonioque tuum fonti si præfero flumen;
Nunc o, nunc omnes è lymphis exere Nymphas,
Quæ mihi non humilem tribuant ad carmina venam,
Sed quæ Virgilii, sed quæ videatur Homeri,
Invidiosa quidem posco, sed debita: namque
Concinimus Divam, quæ te, pulcherrime, vivum,
Et super undantes Nili septemplicis amnes,
Et non unius celebratum nominis Istrum,
Insignit famâ. Jamjam ruere omnia cerno,
Jam solito major complet præcordia Phæbus,
Jamque tuum nostræ, placido pro Castore, cymbæ
Sydus adest:

Tuque, o supero decus addita mundo
Quam sacra divini servantem jussa Monarchæ
Plurima nobilitant diffusum mira per orbem;
Seu te fulgentis quâ stat via lactea cæli
Concolor assiduo suspendit carmine cygnus,

Tu, Mondego, que pelos apprasiveis
Campos d'Alcides vagaroso corres;
Tu, cuja fronte perennal nascente
Adorna, qual estrella Luminosa,
Com que vences a luz de Phebe errante,
Eu te invoco, e de ti auxilio espero:
Se eu te prefiro á Apollo, e á fonte Aonia
Tua corrente limpida prefiro,
Oh! desprende-me agora as Nynfas tuas,
Ellas me prestem versos sonorosos,
Quaes dantes entoou Virgilio e Homero;
Versos dignos da Diva que famoso,
Que celebre te faz mais que as do Nilo
Sete espumosas tumidas correntes,
E que o Istro caudal de egregios nomes.
Já, já vejo que nobre enthusiasmo,
Que de Febo o furor me ferve n' alma;
Que tua estrella, qual Castor aos nautas,
O baixel de meus versos rege, e guia.

E tu, ó Diva excelsa, que seguindo
Os sacros mandos do Arbitro Supremo,
Ao mundo apresentaste altos prodigios,
E lá no assento ethereo que alcançaste,
Astro novo esplandeces; ou prefiras
Occupar junto ao cysne a Lactea via,
Em seu suave canto embellesada;
Ou antes queiras, lá no roxo Oriente,

Sive tibi cedit roseas Aurora corollas;
Aurea sive tibi Phæbus diademata cedit,
Irradiant amplum miracula tanta per orbem,
Teque rosis, auroque simul tua gesta coronant;
Da mihi tantarum breviter fastigia rerum
Currere, si bene quid merui, da numine grato
(Namque mihi Dea semper eris) tua dicere facta,
Et digno celebrem plectro memorare triumphum.

Jam semel, atque iterum Lysiam pacaret Elysa
Alma rebellantem, diros gnatique furores
Jusserat in tenerum converti patris amorem;
Quum Pluto antiquam servans sub corde ruinam,
Et memorans raptos aulæ stellantis honores,
Nec dum etiam sævo nostrorum prælia Regum
Jecerat ex animo; sedet imo in pectore fixum
Excidium Mauri, stigiæque injuria legis,
Quam quondam ex Lysia Libyas contendere ad oras
Compulerant fortes fatali milite Lusi:
Insuper et mores sacræ indignatus Elysæ
Criminis expertes, metuensque futura profundo
Bella Orco; Alfonsi, quæ jamjam facta minantur,
Fataque: terribili perculsus corda dolore
Sic secum: Mene ingenti desistere cæpto,
Nec posse Alfonsum, Lysiæque evertere Regem,

Trajar as rosas que te cede a Aurora,
Ou dos raios de Febo ornar-te a frente;
Concede-me que entoe em digno plectro
De teu triunfo a portentosa historia;
Concede-me, se tanto te mereço,
Que bosqueje teus feitos em meu canto,
Que é todo teu, e teu favor merece.

Por vezes tinha Elysabetha Augusta
Restituido a paz á afflicta Lysia;
Por vezes applacado tinha os odios,
Que contra o pái o filho concebera;
Odios por ella em terno amor trocados:
Quando Plutaõ raivoso recordando
As já perdidas honras do alto Olympo,
As ruinas fataes, os duros golpes,
Que lhe imprimio a espada dos Reis Lusos;
Guardando inda no peito o estrago e a morte,
Que dos Lusos fizera o forte braço
Nos seus queridos Mouros, e a Lei torpe
'As africanas praias arrojada;
E mais que tudo receando o monstro
Da sacra Elysabetha a sã virtude,
Que ao Averno prepara novas guerras,
E d'Alfonso guerreiro altos destinos
Que perigo imminente lhe ameaçaõ;
De dor passado diz assim comsigo:
Deverei desistir do meu projecto,
Da minha empresa? Pois será possivel,
Que naõ possa perder o Rei de Lysia,

Quippe vetor Reginâ? nonne infamis honori
Ambitio sceptri bis vatis ferre Tyranni
Progeniem potuit stygias scelerata sub umbras?
Ipsa manu validâ generis pia vincula rupit,
Cognatasque animas inimico Marte profudit.
Illum mortiferis ter fossum pectora telis
Crinibus abripuit, truncoque affixit iniquo.
Ast ego dux Erebi, cæli genus, ardua magnus
Cujus in arma furor totum tremefecit Olympum
Vincor ab Elisabetha! Et quisquam nomen honoret
Præterea nostrum, decoretve altaria donis?
Hæc tacitus postquam furiata mente revolvit
Tartaream effudit vocem clamore tremendo.
Audiit inferni murmur furiale Tonantis
Janitor, et triplicem presserunt guttura vocem
Sæva, Charon remos ignitis tradidit undis,
Inque caput pavido Cocytus flumine versus
Conderet ut sese, notam properavit ad urnam;
Audiit, et si quem piceo Styx livida fundo
Submovet, et si quem Phlegeton horrendus anhelo
Turbine flammigeram devolvit subter arenam.

Extemplo Stygii coëunt ad mænia Regis

Nem Alfonso seu filho, porque me obste,
Porque me impeça a pertinaz Rainha?
A malvada ambiçaõ ás Stygias sombras
Nao levou do Rei vate e Rei profeta
A progenie infeliz, que a c'roa e sceptro
Roubar-lhe pretendia? Naõ foi ella
Que rompendo do sangue os nós sagrados,
Inhumana espargio em dura guerra
O sangue fraternal, quando suspenso
Pelo cabello a um tronco, o brando peito
Tres vezes lhe passou d'agudas settas?
E eu Monarca do Tartaro terrivel,
Descendente do ceo, ousado em tudo,
A cujo furor treme o ethereo Olympo,
Sou de Elysa vencido! Depois disto,
Quem jamais honrará o nosso nome?
Quem offrendas porá em nossas aras?
Taes ideias na mente revolvendo
Uma voz de trovaõ lançou aos ares.
Do Tonante infernal o rouco brado
Ouve o caõ vigilante, e se lhe embarga
Nas negras fauces triplice latido;
Charonte ás ondas abandona os remos,
E enfiado Cocyto retrocede
Nas cavernosas grutas a esconder-se;
Ouve-o na Estygie o triste navegante,
E aquelle que nas ondas revoltosas
Phlegetonte arremessa ás igneas praias.

Dos gigantes a turba aos ceos adversa

Armati in cælum, temeraria turba, gigantes.
Ille gemens, pœnæ postquam prælusit acerbæ,
Horrisono fremitu solio ferus infit ab alto.
Ecquis erit vestrum, nostros qui primus in hostes
Irruat? excipiunt clamore infanda furentis
Dicta ducis populus, terramque, polumque minantur;
Erexere manum, volueruntque esse priores.
Sic, cum turbineâ rector parat Æolus arce
Bella mari, rapidi circum resonantia venti
Claustra fremunt, et quisq; prior cupit antra revulso
Cardine deserere, et superos exire sub axes,
Lucida spumanti mixturus sydera ponto.

Tunc ferus, his animis spectatis, flebile gaudens
Conceptas rabido furias sic addidit ore:
O Stygii proceres digni, quibus aurea clarum
Astra thorum nitidi struerent in vertice mundi,
Cernitis, ut Lysios teneat pax alta penates?
Ut Regina meis obstet mora dura triumphis?
Heu caput invisum! et nostris contraria fatis
Fata ducis Lysiæ! quoties evertere natum,

Corre logo em tropel, e se amontoaõ
No terrifico alcaçar do Rei Stygio.
No preludio da dor já ensaiado,
Bramindo e suspirando, do alto solio
Com horrisono tom feroz exclama :
« Qual primeiro de vós á gloria aspira
« De accommetter intrepido o inimigo?
A tal proposiçaõ, irados todos
Ameaçando a terra, o polo, e tudo,
Mostraõ sua vontade, as maõs levantaõ,
E disputa um por um ser o primeiro.
Assim fremem os ventos nas cavernas,
Assim disputaõ, rosnaõ, se atropellaõ,
Quando guerras ao mar, Eolo intima.
Todos querem deixar os largos antros,
Qual primeiro voar aos vastos ares,
Para embrulhar os ceos, o mar, e a terra.

O rei do Averno entaõ altivo e alegre,
Com taes animos ver meigo, e raivoso
As iras lhes redobra, e assim lhes falla :
« Vós, ó grandes do Averno, a quem no Olympo
Um digno assento os astros já vos deraõ,
Naõ vedes o socego e a paz continua,
Que desfrutaõ os Povos Lusitanos?
Naõ vedes como austera e caprichosa
A Rainha se oppôe aos meus triunfos?
Oh maldita ousadia! Oh fado acerbo!
Contraria é minha sorte á sorte della!

Atque virum studui, toties hæc una labantes
Sustinuit, mediis et pacem fecit in armis.
Quid memorem celebres, illi quos præstat, honores
Immeritæ, magnus, celsi regnator Olympi?
Reddita languentum referam quid membra saluti?
Aureaque in roseos flores conversa metalla?
Quidve rogos Dominæ famulantes, atque rebelles
(Dum lædunt sontem non læso insonte) marito!
Quid flammas alias, jussasque recedere lymphas,
Pluraque, quæ totus celebrat miracula mundus?
Scitis enim: parco veteres iterare querelas,
Parco mihi infandum fando renovare dolorem.

Hæc poterit Lysias, domito Phlegetonte, cohortes
Eripere excidio, natumque virumque tueri;
Nos illam contra nihil (heu!) potuisse juvabit!
Ite decus Barathri (Ditemne feretis inultum?)
Ite meæ vires, mea magna potentia, Manes,
Compositam, bellis iteratis, rumpite pacem,
Martia cognatas inimicent classica gentes,
In genitumque parens, genitus ruat inque parentem

Quantas vezes tentei perder o filho,
Quantas arruinar o audaz marido,
Outras tantas illesos os sustenta,
E no meio da guerra a paz arvora.
E como poderei dizer as honras,
Que do universo o Arbitro lhe outorga,
Lhe concede sem meritos? E como
O dom de dar saude aos membros lesos?
De transformar o ouro em lindas rosas? (*b*)
Ou como ardentes pyras lhe obedecem, (*c*)
E contra seu marido se conspiraõ,
Em quanto offendem só o criminoso?
Que outras chamas direi, as crespas ondas,
Que á sua voz potente promptas cedem? (*d*)
Outros muitos prodigios venerandos,
Vós os sabeis, e o mundo os apregoa:
Poupai-me de os contar a dôr intensa,
Que o sentimento e a magoa se me aviva.

E possivel será que possa ainda,
A despeito do Averno, as Lusas hostes
Da ruina salvar, do horrendo estrago?
Que possa defender marido e filho?
E que infeliz de mim nada consiga!
Ide pois vós do Barathro profundo,
Famosos campiões, em quem confio,
Em quem reside o meu poder e imperio;
Ide e as guerras levai por toda a parte;
Vingai-me vós, vingai-me, eu vo-lo ordeno;

Et malè concordes alterno funere vitas
Projiciant, illos sed ne Regina moretur,
Exulet imperiis tunc per sua regna mariti :
Sit factum quodcumque volo. Vix dixerat : illi
Corripuere viam, sed dura Alecto retardat :
Meme (adsum Aonios potui quæ perdere fratres
Vulneribus mutuis) me solam in bella remitte
Armipotens rabidi Pluto moderator Averni :
Faxo, Tartareo ut genitus cadat hostia Regi,
Et pater; et Furiis ego sim tibi præ omnibus una.
Sic ait : et totis venientes submovet hydris
Illi indignantes cesserunt, ipseque flectens
Pluto caput rigidum tetro diademate cinctum
Annuit, et totus nutu trepidavit Avernus.
Diva per horribiles umbrarum fervida campos
Carpit iter solitum, terrasque irata subivit.

Est locus in Lysia vitrei prope flumina Mondæ
Horridus, et Stygiæ noctis terrore verendus :
Hic infernarum domus opportuna volucrum,

Rompei, quebrai a paz, fazei que as gentes
D' uma mesma naçaõ se despedacem;
Naõ poupe o filho o pai, nem este o filho;
Morraõ todos alfim aos mutuos golpes.
Mas para que a Rainha os naõ estorve,
P'ra que naõ desconcerte as rijas brigas,
Do Paço saia, expulse-se da corte,
Erre, vaguee pelo Reino todo. (*e*)
Assim pois o fareis. » Disse isto, e logo
Correm todos ardidos, mas Alecto
Os embaraça fervida, atrevida.
« Eis-me aqui, brada a Furia, eu que só pude
Os Thebanos irmãos perturbar tanto,
Que mutuamente as vidas se arrancaraõ,
Teu mando, armipotente Rei do Averno,
Eu, eu só cumprirei, eu vou á guerra,
Farei o filho e pai victimas tuas;
Das Furias todas eu só basto á empresa. »
Assim fallou, e as hydras meneando,
Affasta as outras que indignadas cedem;
E Plutaõ meneando a rija testa,
De tetrico diadema guarnecida,
Applaude taes rasões, o Averno treme.
Das sombras a morada a Furia deixa,
E raivosa resurge á terra em cima.

'As bordas do Mondego crystalino
Existe hum pavoroso e horrendo sitio;
Sombrio immenso bosque a sombra ingrata
Espalha sobre o chaõ; alli se acouta

Stat nemus immane, et terra atrâ nubilat umbrâ,
Ast medio in rupe abruptâ spelunca profunda
Scinditur, et vasto intrantes minitatur hiatu,
Hoc nemus infernam dicit vicinia vallem,
Effera terribilis fecit cognomina causa:
Nam rapidum horrendæ monstrant Acheronta cavern
Sulphureæ fauces, quas turbida fertur Erynnis
Posthabito coluisse orco; at nunc concita rupem
Transilit, atque locum nil curat Diva tremendum.

Nox erat, astra vagum placido jubar aurea cælo
Extulerant, ignes argentea Luna minores
Inter splendebat, fulgentique æmula fratri
Nocte diem mediâ simulabat clara serenum.
At, veniente Deâ, atrâ cælum, sidera, Luna
Nube obvelantur; periit sua gratia nocti;
Lumine pro roseo, radiisque micantibus umbra
Tartarea horrendo cælos involvit amictu.
Centum cæruleos pro crinibus illa colubros
Ferrea sulphureis nodantes orbibus ora
Pectebat dextrâ, torvo lux atra recessu,
Lux, sed luce carens, et sævis æqua cometis

De fatidicas aves bando infausto.
Funda espelunca alli se vê rasgada
Dos rochedos no centro, e tanto aterra
Dos visinhos os animos cobardes,
Que de valle infernal lhe daõ o nome.
E naõ sem causa, pois sulfureas fauces
Do rapido Acheronte o curso mostraõ.
A revoltosa Erynne (assim se conta),
Passava satisfeita alli seus dias,
Do Orco a habitaçaõ menospresando;
Mas agora veloz fendendo os ares
Este sitio atraz deixa, e a estancia horrivel
Naõ a enamora já, naõ a retarda.

Era noite serena, n' aurea esfera
As lucidas estrellas scintillavaõ;
A lua dardejava os igneos raios,
Emulando do irmaõ o fogo ardente;
Parecia até ser um dia bello.
Eis que a Furia apparece, o ceo e a lua,
As estrellas se obumbraõ e obscurecem;
Perde a noite a belleza, emfim se enlucta
De espessa escuridaõ, tartareo manto.
Cem azues cobras cingem enroscadas
Sua ferrenha carrancuda fronte
Em lugar de cabellos sulphurosos;
Seus olhos covos saõ, vesgos, e baços,
Mas carecem de luz, bem arremedaõ

Omine funesto simulabat lumina; mixtum
Sanguine fel viridans nigro rabida ora venenat,
Pestifer ingratas jam tum vapor inficit auras.
Talis Inisæos ibat motura penates
Tesiphone stridens, ut magno major Homero
Concinit Aoniis satur ille poeta fluentis.

Extemplo horrisono rapitur dea sæva tumultu,
Inque tuos fertur, celebris Conimbrica, muros
Herculeâ fundata manu, cùm tradidit orco
Gerionem immanem, terno cui funere ternas
Abstulit Alcides animas, tria corpora fudit;

Terra potens armis, et non ingloria pace,
Qua Mavors pariter, pariterque superbit Apollo,
Pallade namque minus, quàm nobilitata Minervâ.
O Patria! O Lysiæ splendor! Quo pectine laudes
Tollet ad astra tuas tuus haud ingratus alumnus?
Non mihi si Maro sublimem, nitidamque Marinus
Præstarent venam, nec si meus aurea Brittus,
Brittus honor Pindi, charitum Sal, Solque Dearum
Castalidum, Brittus Lysii defensor Homeri,
Lux sophiæ, jubar historiæ, Ciceronis imago

Asiago claraõ de mao cometa.
Pela boca ascorosa ella derrama
Veneno verdoengo tinto em sangue;
Seu vapor pestilente infecta os ares.
Já Thesiphone outr 'ora assim marchava,
Os Iniseos penates perturbando
Como canta melhor que Homero, o vate
Que a longos tragos bebeo d' agoa Aonia.

Já, já com arruido a cruel Furia
De Coimbra gentil os muros entra,
Por tua maõ, Alcides, construidos,
Quando o cru Geriaõ votando ao Orco
Com tres mortes tres almas lhe roubaste.

É na guerra e na paz cidade insigne;
Alli florece Marte, alli Apollo,
Pallas culto alli tem, mas de Minerva
Recebe a Lusa Athenas mor realce.
O' de Lysia esplendor! O' Patria minha!
Como farei na grata e eburnea lyra
Resonar dignamente os teus louvores?
Se Virgilio sublime, se Marino
Me prestassem seu estro, ou o caro Brito,
Farol da Lusa historia, honra do Pindo,
Rico mimo das Graças, e das Musas,
De Cicero retrato, apologista

Plectra daret; tantas æquassem carmine dotes.
Obruit (heu!) numeros, numerus rerum ille tuarum,
Urbs ingens, inopemque meum tua copia plectrum
Efficit, et mutas tanta ad præconia Musas.

Hic princeps mediâ placidum jam nocte soporem
Carpebat Lysius : furibundâ virago tremendam
Deposuit faciem, faciemque assumpsit anilem.
Hinc arat os rugis, nive seminat inde capillum,
Atque anus, Alfonsum teneros quæ lacte per annos
Nutriit, efficitur, tremulâque ita voce profatur :
Bellipotens Juvenis, magni spes maxima regni,
Cum te tot patrii circumdent agmina Martis,
Totque doli, placidâ componis membra quiete ?
Sævus in arma pater, violatâ pace, resurgit,
Et vigil immerito nova tendit retia nato.
Tu pius? ah demens! tu somno deditus? usque,
Usque jaces? fidumque infido te esse parenti
Ostentare cupis, meritas nec surgis in iras?
Eia age, sopitum vaginâ suscitet ensem

Do Lusitano Homero, eu naõ podera
Igualar teus louvores. Patria amavel,
De tantos dotes teus a immensa copia
Minha Lyra emmudece, e acanha as Musas.

No regaço do somno repousava
O Principe de Lysia, quando a Furia
No silencio da noite lhe apparece.
Trocado tinha o horrido semblante
Por aspecto senil; astuciosa
Riscando o rosto seu de crespas rugas,
E os cabellos de neve semeando,
No semblante e figura imita a velha
Que de leite o creou lá n' outros annos,
E com tremula voz assim lhe falla:
« O' do Reino esperança! O' forte Joven!
Os patrios pelotões quando te cercaõ,
Quando as traições te assaltaõ, te rodeão,
Inerte ao molle somno te abandonas?
Naõ ves, quebrando a paz, teu pai fogoso
Correr ligeiro ás armas, preparar-te
Rijos ferros que tu lhe naõ mereces?
Obediente tu? ah louco, louco!
Até quando sopito aqui te perdes?
Julgas honra e dever ao pai infido
Fiel mostrar-te, a ira repremires,
D' aggravos taõ injustos provocada?
Eia, apressa-te já, empunha a espada,

Dextra potens, sontemq; furens jam fulminet hostem:
Te stupefacta cohors timeat funesta ruentem,
Sentiat atque pater genito sese esse minorem.
Desiit; at Lysius contra sic incipit Heros:
Arma patris, mater, memoras, quæ infesta potentis
Credere me reris potuisse? haud dextera bello
(Ne tantum mihi finge nefas, ne prælia tanta)
Atque fide insignis sic ferro fædera rumpet.
Sed malesana tibi nimiâ mens victa senectâ
Hoc bellum mendax, hæc somnia vana figurat.
Cura tibi blandæ pensis servire Minervæ;
Te telæ, non tela decent, tu vellera sume,
Arma relinque viris. Subitas exarsit in iras
Virgo nocens, jam fassa Deam, qualisque videri
Tartareis, et quanta solet, quot dira cerastis
Verberat ah miseros Acherontis in amne silentes,
Apparet juveni: ast olli calor ossa reliquit,
Ora color; rigido tunc hæc sermone loquuta est:
En ego, cui nimiâ victa, et malesana senectâ
Mens bellum hoc mendax, hæc somnia vana figurat,
Nunc faxo experiare; silet: germinumque capillum
Vellit, et horrendo juvenem fera verbere pulsat,
Inspiratque nefas, et viscera cuncta perurit:

Voa, fulmina, acossa o inimigo,
Suas tropas carrega, tremaõ, tremaõ,
E conheça teu pai quaes saõ teus brios. »
Acabou de fallar, mas o Heroe Luso
O feminil aviso assim repelle:
« Pensas acaso, ó Mai, que eu temer possa
As armas de meu pai? que infestas sejaõ?
Das discordias civis o crime odeio,
E esta dextra taõ forte nas batalhas,
Como firme na fé, respeita os pactos.
Da velhice a maõ triste te enlouquece,
E vãs guerras, vãos sonhos te figura.
Deixa panicos medos, de Minerva
As tarefas suaves te entretenhaõ;
Os fusos, vellos, teias, bem te assentaõ,
Quadraõ-te muito bem, d' armas naõ cures;
Deixa-as aos homens, deixa. » A taes palavras
Exasperada a Furia malfaseja,
Depondo a que fingio postiça forma,
Ao Joven se apresenta tal qual ella
Nos reinos infernaes flagella os manes,
E com rancor despotico os submerge
D'Acheronte na livida corrente.
Perde o Joven a côr, e o calor perde.
« Eu te farei, diz ella, em tom pesado,
Eu te farei sentir, inerte, agora
Se eu sou a velha tonta aquem os annos
Fingem fantasmas vaõs, fallazes guerras.
Calla-se; e duas cobras arrancando,
O fustiga, e lhe infunde vil maldade,

I' nunc, et dictis Furias contemne superbis.
Dixit; et abcessit somnus, terrorque remansit;
Arma ferox arma, arma horrendâ voce reposcit,
Arma, arma ingenti resonant tecta icta fragore.
Non terræmotus, non sæva tonitrua tanto
Unquam concussere solumque, polumque tumultu.
Non aliter Rutulus Furiâ exagitante Tyrannus
Horruit, et rapidus scelerata ad bella cucurrit,
Donec Dardaniâ prostratus cuspide, flexum
Jam sermone ducem spoliis accendit amici.

Jamque vocat fortes rediviva ad prælia Lusos,
Insuper, et Stigiis stimulata juventa flagellis
Arma rapit nullos (eheu!) paritura triumphos.
Jam furor antiquam rigidâ de gente quietem
Expulit, et totum expirant fera viscera Martem.
Dum Princeps Lysias funesta ad bella cohortes
Incitat, in Regem rapido pede fertur Erynnis.

Que as irasciveis visceras penetra.
« Ora sus, diz depois, despresa as Furias,
Ultraja-as de palavras : » Assim disse;
O somno entaõ se ausenta, o terror fica.
Já brada o Joven furibundo ás armas,
Armas pede com brados horrorosos,
E as cupolas repetem armas, armas.
Jamais do terremoto o choque horrivel,
Do medonho trovaõ jamais o estalo
Com tanta concussaõ, com tal violencia
Abalaraõ a maquina dos globos.
Assim dantes o Rutulo Tyranno
'As refregas fataes cego voava,
Té que prostrado da Dardania espada,
C' os espolios do amigo excita as iras
Do Troiano varaõ, que já sensivel,
As vozes lamentaveis lhe escutava,
E compassivo o golpe suspendia.

Já daqui já dalli os fortes Lusos
Aos combates fataes reune, incita;
Já de infernal estimulo inflammados
As armas tomaõ, quando miserandos
Naõ podem grangear victoria ou honra;
Odeaõ o repouso, e o ocio brando,
E respiraõ somente o ardor de Marte.
Em quanto o Luso Principe enfurece
'As batalhas crueis as Lusas hostes,
Ligeira Erynne vai do Rei aos Paços.

Jamque scelus nati dubio clamore per urbem
Currit Ulyssæam, placidas penetravit et aures
Patris; at infandum non credidit ille furorem;
Cùm Dea, mutato vultu, positisque colubris,
Belligeri Sosæ (quo non præstantior alter
Aut facie, aut dextrâ, Regi nec charior ipsi
Extitit), effigiem lacrymoso lumine mæstam
Sumpsit, et in somnis magno se sistit amico.
Vulnera (proh Divûm pietatem!) fæda decoram
Turpabant faciem, sordebant pulvere crines
Aurati immundo, nigrans per candida sanguis
Pectora, Mavortis fulmen manus illa, triumphis
Cognita, nulla modo, et reliquum sub vulnere corpus.
At Rex ut faciem miserandi agnovit amici,
Vulneraque illa hausit, quæ multis plurima bellis,
Dum sequitur sua castra, tulit, prior ora resolvit,
Et pia singultu verba abrumpente perorat:
O decus imperii, spes o fidissima sceptri
Sosa mei! quæ causa tuos pulcherrime rerum
Barbara commaculavit vultus? hei mihi qualis,
Hei mihi qualis ades? quantum diversus ab illo
Sosâ, qui celebres devicto ex hoste triumphos
Aggerat, in cujus semper victoria crinem
Advolat, et lauro nitidum viridante coronat!

Já por Lisboa a fama divulgava
Do filho pertinaz a vil audacia,
E do pai os ouvidos já feria,
Que mal podia crer tamanho crime;
Quando a Furia, depondo a propria forma,
No somno ao Rei se mostra na figura
Do belligero Sousa, pulchro ousado, (f)
O mais caro de todos os validos.
Regava o pranto seu, seu triste rosto,
Affeavaõ-lho oh ceos! torpes feridas;
Seu cabello manchava o pó immundo,
Seu alvo peito o sangue ennegrecia,
E a maõ forçosa, raio de Mavorte,
Agora sem vigor, e finalmente
De feridas coberto o corpo inteiro.
Tanto que o Rei o miserando amigo
De cruentas feridas vê coberto,
Que nas suas fileiras militando,
Nos difficeis encontros recebera,
Prevenindo-o, lhe diz com vóz sentida;
« O' do Reino primor! da c'roa esteio!
Meu caro e bello Sousa, que desgraça,
Que desastre infeliz, que triste acaso
O brilho deturpou de teu semblante?
Quaõ differente agora me appareces,
Quaõ diverso daquelle que algum dia
Trofeos sobre trofeos dos inimigos
Alcançava animoso, em cuja frente
Os passos a victoria lhe guiava,
E o coroava emfim com verde louro!

Heu ubi sydereæ peregrina modestia frontis!
Heu ubi sanguineo fatalis dextera bello?
Ah dolor! ah quem te aspicio! tacet ille, nec unquam
Plorantem Regem, et quærentem plurima curat.
At gemitum ingentem lacrymanti è corde revellens
Euge age, magne Pater, teque his, ait, eripe bellis:
Natus inextincto renovat Mavorte catervas,
Ante rebellantes: regnandi insana cupido
Te meritas iterum, Rector bone, poscit in iras.
Suscipe fulmineum, Princeps o maxime, telum,
Induit hic hostis; tu nunc patris exue nomen;
Sat nato, matriqne datum: si crimina tanta
Digna forent venià, veniam, Rex clare, rogarem;
Sed cupit (heu scelus! heu!) cæso regnare parente,
Teque neci (in ipsum referant quod numina) quærit;
Insuper, et conjux tua (sed jam non tua conjux
Immò hostis) genitum sequitur; te perfida prodit,
Surge age, pelle feram thalamoque thoroq; sodalem;
Obrue funestum celeri certamine natum.
Hæc ubi dicta dedit nigræ se immiscuit umbræ.

Teu ar nobre onde está e gravidade?
Tua dextra fatal nos feros choques?
Oh magoa! Oh dor! que miserando estado!»
Callado permanece, nem responde
Ao magoado Rei que tal pergunta.
A final suspirando assim o avisa:
« Coragem, grande Rei, salvar-te cumpre
Desta guerra fatal que te prepara
Teu filho, renovando Marte extincto,
Reunindo de novo essas catervas,
Já dantes rebelladas, já vencidas.
Rebelde c' o desejo insano e iniquo
De reinar te provoca, ó Imperante,
A tomar a vingança indispensavel.
Trava portanto da fulminea lança,
Já teu contrario contra ti a empunha,
Sobre elle te arremeça, naõ o poupes,
De pai o doce nome esquece agora,
Que bom pai, bom marido assaz tens sido.
Se perdaõ tantos crimes merecessem,
Eu perdaõ supplicara, ó Rei preclaro,
Mas estranha maldade! elle pretende
Reinar matando o pai; os ceos o punaõ!
Tua mulher tambem (ah bem naõ disse,
Tua mulher naõ é, mas inimiga)
Segue perfida o filho, e te atraiçoa.
Eia pois, naõ hesites, prompto expulsa
De teu thalamo e throno tal consorte,
E em rapida peleja prostra o filho.»
Assim a trama urdio, e á vista escapa.

Olli abrupta quies : surgit, Sosamque requirit
Tecta per ampla domûs fidum, lacrymisq ; madentem
Abstergit faciem, stimulisque agitatus Erynnis,
Multa super gnato, super almâ conjuge multa,
Multa super bellis agitat, secumque volutat,
Incertusque modi nunc huc, nunc fluctuat illuc.
Non aliter dubiis Phrygius Mæander in undis
Et fluit, et refluit, nunc ad mare versus amarum,
Nunc ad dulce caput; lymphis redeuntibus instant,
Quæ veniunt, et quæ redeunt venientibus obstant.
Postvarias tandem potior sententia visa est,
Exilium matri, natoque indicere bellum.

Non bene dum luces, umbrasque Aurora nitenti
Expulerat cælo, nondum Sol alter, et idem
Reddideratque diem terris, rebusque colorem,
Cùm jam Reginæ portans mandata Dinysi
Decepti miseræ crudelis nuntius ibat :
Ast illam superos orantem, et dia legentem
Carmina cella brevis, cella amplo cognita cœlo
(O pietatis amor!) mediâ jam a nocte tenebat,
Audiit ut chari securo pectore Regis
Aspera, nec tali mandata ferenda maritæ,

Do somno o Rei desperta alvoroçado,
E pelo vasto Paço divagando,
Em vaõ procura afflicto o fiel Sousa.
Das Furias agitado mil projectos
Sobre o filho e a consorte forma e muda,
E outros mil sobre a guerra abraça e deixa
Sem saber vacillante qual prefira.
Desta sorte o caudal Meandro Phrygio
Serpea o torto curso duvidoso;
Já se deslisa e corre aos sâlsos mares,
Já se encrespa e remonta á doce origem;
Atropellaõ-se as ondas encontradas,
Contrastando seu curso umas ás outras,
As que vem ás que vaõ, estas áquellas.
Por mais seguro emfim, decide e ordena
O desterro da mai, ao filho a guerra.

Ainda a Aurora bem naõ expellia
As estrellas do ethereo firmamento,
Nem o sol tinha ainda saudado
Dos viventes da terra a turba immensa,
Quando implacavel mensageiro intima
A' Rainha infeliz as inhumanas,
Injustas ordens de Deniz illuso.
Orando estava, e lendo os sacros versos
No pequeno aposento aos ceos aceito,
Quando tranquilla ouvio do Rei querido
Os injustos quam asperos decretos.
Ao ceo erguendo os olhos lacrimosos,

Ad cælum tollens rorantia lumina fletu,
Lumina, namque pias divina volumina palmas
Impediunt, magnum sic est affata Tonantem;
Alme pater, pater alme, polus cui servit, et orbis,
Aspice nos; et mens talis si nescia culpæ
Est mea, decepti (hoc primum) miserere mariti,
De me autem quidquid tua nobis chara voluntas
Disposuit (grave, seu gratum) nihil ipsa recuso.
Sic ait illacrymans, rerumque reliquit habenas.
I decus, I Lysiæ! socius Deus exulis ibit,
Teque thoro referet celebri Deus ipse triumpho.

At Rex expulsâ jam conjuge, debita nato
Bella parat, cunctas viduans et civibus urbes
Congregat ingentes equitum, peditumque catervas.
Scinditur in geminas gemino sub præside partes
Regnum bellipotens: hastam quatit ille trabalem
Horridus, et faciem torvo terrore minantem
Sub galeâ, placidis cui dat colludere ventis,
Contegit; ille ferum, compressus frena, supinat,
Altaque turbineo superare cacumina cursu
Edocet, hic latum rapidus circumrotat ensem;

Os olhos porque as maõs os livros tinhaõ,
Assim falla ao sob'rano omnipotente:
« O' benefico Pai, aquem os mundos
Rendem adoraçaõ, e tudo observas,
Se sou de culpa isenta, se innocente,
Só te imploro perdoes compassivo
A meu marido as illusões que o cegaõ,
Que em quanto a mim, eu soffrerei submissa
Ou duro ou leve, quanto disposeres: »
Carpindo-se assim disse, e partio logo
(O' de Lysia esplendor) para o desterro.
Vai, desditosa, vai, mas resignada,
Deos te acompanha, e com triunfo illustre
Um dia te trará ao toro ao throno.

Já expulsa a consorte, o Rei levanta
Immensa multidão de gente armada,
Que em justa guerra ao filho oppor intenta.
Debaixo de dois chefes se divide
O bellicoso Reino em dois partidos.
De cavalleiros já grandes catervas,
Já de infantes se vem por toda a parte.
Este já brande a lança formidavel,
E aós ventos folgasões entrega o elmo,
Que a face lhe defende ameaçadora.
Domando aquelle o rapido ginete,
A corrida gentil caracolando,
Trepa os montes por ingremes veredas;

Alter amat celeres acri stridore sagittas
Spargere, et insano committer vulnera vento.
Quo ruitis miseri? quid vitam impendere noxæ,
Quid juvat insignes civili sanguine dextras
Commaculare? scelus tantum quo munere gratum est
Nullâ vos, nullâ cingent hæc prælia lauro,
Mæsta cupressus erit victo pro cive corona.

Diva nocens Lysios ut vidit in arma ruentes,
Reginamque aulâ extorrem; lætata dolorum
Successu, magnum solito jactantior antrum
Intrat, et inferno properat narrare Tyranno.
Ille malis gaudens, Furiæ gratatur ovanti,
Duraque per rigidum circumfert brachia collum.
Quid gaudes demens, vanoque tumore superbis
Tu toties victus poteris, poterisne minantem
Contra stare polum! magnus sic notus IESUS?
Syderei notus sic est moderator Olympi?

Este já cinge a fulminante espada;
Atésa aquelle as setas estridentes,
E seus tiros dispara ao ar voluvel.
Onde ides, miseraveis! ah onde ides!
Correis a dar a vida pelo crime!
De que serve manchar as vossas dextras
N' um sangue irmaõ? qual vossa recompensa?
A victoria de taõ nefandas guerras
Naõ ornará de louro a vossa fronte:
Do cidadaõ vencido só se alcança
Triste c' roa de funebre cypreste.

Vendo a Furia que os Lusos empunhavaõ
As armas ferozmente uns contra os outros;
Vendo a Rainha já da corte expulsa;
Alegre e jactanciosa ao Orco desce,
E pressurosa vai ao Rei do inferno
Da atróz maquinaçaõ contar o enredo.
Elle aquem sempre o mal contenta, alegra,
A furia triunfante congratula,
E para lhe provar distincto applauso,
Entre seus braços carinhoso a aperta.
Que louco orgulho é esse, que arrogancia,
Te enlouquece Plutaõ? Tu tantas vezes
Vencido, agora julgas que reprimes
A justa indignaçaõ dos ceos irados?
Que frustras de JESUS altos decretos?
Deste moderador do claro Olympo?

Ah miser! ah miser! expertus reminiscere quantum
Adtonet, et trifidum quo turbine torqueat ignem.
Non dabit ille tibi nostro gaudere dolore,
Sed Lysiis pacem, diademata reddet Elysæ,
Et fera conversis lugebunt Tartara fatis.

, desgraçado! lembra-te do abysmo
ı que jazes, do fogo que te ralla;
nais consentirá que te glories
ı gravame de nossos infortunios.
Lysia a paz dará, a c' roa a Elysa,
nudado o destino, o torpe Averno
ccumbirá na sua iniquidade.

LIBER SECUNDUS.

At Regina trucis jam dudum conscia belli,
Quæ non perpetuis implorat numina votis?
Grata serenatæ deposcens munera pacis!
Illam indulgentem precibus, lacrymisque vacantem,
Securamque sui, genitoque, viroque timentem
Viderat alma parens, cultu cui divite clara
Luna pedem cingit, Sol corpus, sydera crinem,
Aureolum crinem, corpusque, pedemque venustant
Sydera, Sol et Luna; at Lunam, sydera, Solem,
Pes, crinis, corpus majori lumine ditant.
Viderat, atque tenens durum sub corde laborem,
Tunc miserata suo genitoque, patrique profatur:
Nate sator rerum, me me mihi charior ipsâ,
Quem mare, terra, polus, quem Tartara sæva tremiscunt;

CANTO SEGUNDO.

A Rainha sabendo já da guerra,
Ao ceo envia votos fervorosos,
Implorando da páz os gratos mimos.
Ternos prantos derrama lastimando
Do filho e do marido a triste sorte,
Por quem somente pena e se magoa,
Que segura de si por si naõ teme.
A benefica Mai, a quem tributaõ
Perenne culto a lua e sol e estrellas,
Attende as ternas piedosas preces,
As lagrimas attende, e commovida
De suas afflicções, de seus tormentos
Ao filho, e a seu pai assim se exprime:
« O' filho creador, que me és mais caro
Do que eu mesma a mim sou, a quem respeita
O ceo, a terra, o mar, e o negro Averno;

Nonne vides quantos pia fert Regina dolores,
Proh Regina, tuis qua non addictior ulla
Legibus est, nostrum vel quæ plus nomen honoret?
Exulat in propriis, rapto diademate, regnis,
Et luit indignâ, quæ nescit crimina, pænâ,
Insuper, et bello.

Orantem non pertulit ultra
Filius, et magno sic interfatus amore est.
O cœlo mihi, dum cælo sine corpore vixi,
Gratior, alma parens, ob quam de vertice mundi
Stelliferi, magno devictus amore, gementis
Antra soli cupidus petii, cupidusque reliqui
Astra poli, quo fata vocas, quo dia volentem
Me trahis, atque tuæ miserantem vulnus Elysæ?
Parce metu, genitrix, equidem relevare querelas
Reginæ charæ, quanquam non ipsa rogares,
Mens erat; at quia non facilis conscensus Olympi
Est, nisi post duros clarâ virtute labores
Devictos, tantum sum passus crescere luctum,
Ut geminata suis de pœnis gloria crescat;
Nunc vero tua cùm nobis sit nota voluntas,
Jam propero gaudens; quid enim tua vota retardem?
Hæc ubi; pennatum cæli stellantis alumnum,
Qui sacra Reginæ referat mandata precanti,

Naõ ves a dôr pungente, a magoa acerba,
Que da Rainha o peito dilacera?
Desta pia Rainha que ama e adora,
Mais que ninguem meu nome, e os teus decretos?
Ella vaguea pelos proprios Reinos;
A c'roa lhe roubaraõ, sem ter crimes,
E sobre tanto mal lhe fazem guerra. »

Naõ mais soffreo o filho lhe dissesse,
E assim com terna vóz a tranquillisa:
« O' carinhosa mai, que muito preso,
Por cujo amor deixei o ceo brilhante,
E dos mortaes busquei o escuro albergue,
Que me rogas? aquillo que eu desejo?
Eu vou sem que o suppliques compassivo
A magoa aliviar da tua Elysa.
Socega, cara mai, porque eu quiz sempre
Da Rainha acabar acerbos males,
Sem que por ella tu intercedesses:
Elles da gloria sua o lustre augmentaõ,
Sua virtude apuraõ, acrisolaõ,
Por isso os permitti, nem o alto Olympo
Sem trabalhos se alcança; mas agora
Que sei tua vontade e quaes teus votos,
Já sem demora quero que se cumprão. »
Assim disse: e um plumoso e leve Alumno
Da esfera sup' rior em prompto chama,
Que á piedosa Rainha participe
As novas divinaes, e assim se explica:

Advocat, et placido sic est sermone loquutus;
Vade age, fide vigil, celeri zephyrosque volatu
Mirantes supera, Lysiisque adlabere regnis,
Et fatis quam scis magnis ad magna vocari
Facta ducem Lysiæ, quæ nunc (proh cæca mariti
Ira!) gubernatis quondam nunc exulat oris;
Exulat, ast animo superi manet incola regni,
Quoque nequit ferri modo corpore, mente vagatur;
Hanc inopem solare pius : discrimina belli,
Dic, adeat sævi, mediis et inermis in armis
Sese projiciat clari secura triumphi,
Magnaque, quæ reddam cælestis præmia vitæ,
Dicito, noscis enim, ut præsentem gaudia pœnam
Jam ventura levent, et pensent tristia lætis.
Dixerat; ille sacri referens mandata Tonantis,
Remigio alarum, lapsis non segnior astris,
Astra secat, sulcat zephyros, et navigat auras.

Sic nitidus clarâ remeas cum solis ab urbe,
(Sol avium, vel solis avis), pulcherrime Phœnix
Antevolas rapidos pennis fulgentibus Euros.
Miratur volucrum decus ingens turba minorum,
Ut niteat stellatus apex, auroque comanti

« Vai ó Firme-na-fé, fendendo os ares,
Os voadores zefiros supera,
E de improviso desce aos Lysios Reinos.
Bem sabes que de Lysia a Soberana,
A coisas espantosas destinada,
Triste vaguea pelas patrias terras,
Oh cegueira fatal de seu marido!
Anda banida sim, mas já na mente
É moradora do celeste Empyreo,
Em quanto o corpo a retem na terra.
Consola esta infeliz, e entaõ lhe dize,
Que da guerra civil affronte os riscos,
Que ás armas se arremece affoita e inerme,
Que segura obterá nobre triunfo.
Dize-lhe mais que premios venturosos
Lhe estaõ predestinados, como sabes,
Afim que esta noticia suavise
Dos actuaes pesares o azedume. »
Disse: e logo fiel trazendo as ordens
Do Monarcha supremo, bate as azas,
Fende os zefiros, astros, corta os ares,
Mais velóz do que os raios fulminados.

Lá do berço do sol assim navegas,
Gentil Fenis, os Euros excedendo
Na rapidez do vôo despedido.
O bando inferior das outras aves
Teu porte admira, e pasma a louçania,
Com que brilha o penacho refulgente,

Irradiet sublime caput, multusque serenis
Luminibus pater insit, ut ora cruore rubescant
Muricis, et pictis vaga pennis floreat Iris.
Haud aliter volat alipotens; sic aurea pulchrum
Sic rosa puniceis ridet divisa labellis;
Et varias color haud unus sic inficit alas.

Ut stetit insonti qua felix exule terra
Montibus occurrit cælo; conspexit Elysam
Ardua divino laqueantem tecta Tonanti.
Arctius expensis, sed nunc ingentibus aurum
Destituebat opus, nec reddere sancta petenti
Artifici Princeps jam munera pacta valebat.
Quid faciat? quo pauper opus nunc ære coronet?
(Mira fides!) roseos decerpsit sedula flores,
Datque viris: nitidum subito rosa versa metalum
Induit, et geminâ dextras sub imagine lusit.
Flos, cùm Diva daret; sed cum plebs sumeret, aurum.
Obstupet, antiquumque sub auro quærit odorem
Turba rosæ, gratus præcordia concutit horror,

Sobre a cabeça d' ouro recamada;
Como os olhos scintillaõ, como as faces
Saõ de mimosa purpura esmaltadas,
E como na plumagem resplandecem
D' Iris listrada as variadas cores.
Assim o pulchro alado expande as azas,
Pintadas de matizes engraçados;
Assim das Bellas a purpurea rosa
Seus labios de escarlate aos risos abre.

Tanto que esteve sobranceiro aos sitios
Por onde Elysa entaõ peregrinava,
Elle a vê fervorosa construindo
A Deos supremo magestosos templos.
O ouro lhe faltava a tanta empresa,
E a Rainha de Lysia naõ podia
Pagar os pactuados estipendios
Aos habeis architectos; sem recursos,
E sem dinheiro as obras feneciaõ.
Que faria portanto? de que modo
Ultimallas a pobre? Oh maravilha!
Bonitas rosas colhe cuidadosa,
Aos op' rarios as dá; eis de repente
Em ouro precioso se transmutaõ.
Duplicada illusaõ aqui se observa:
Saõ na dextra que as dá, mimosas flores;
Saõ na dextra da plebe, ouro fulgente.
Maravilhados todos duvidando,
No famoso metal achar intentaõ

Et sua mirantem deterrent gaudia plebem.

O nimium dilecta Deo! cui fundit ab hortis
Divitias Zephyrus, thesauros Flora ministrat,
Atque sacris parent properata rosaria jussis!
Tu Dea, tu flores, cedat Venus aurea, cedat.
Pulchra sui foliis servat rosa signa cruoris,
Vertice clara tui retinet monumenta metalli,
Ille decor florem vestit, decor iste coronat.

Elysabetha rosas postquam convertit in aurum
Tecta petit, celso grates ut reddat Olympo.
Vix bene mirificas, jam flexo poplite, palmas
Sustulit in cælum, cum circumfusa micantem
Lux solem exuperans totâ resplenduit aulâ.
Astitit alipotens, claroque in lumine fulsit,
Ore Deum fassus nitido, incessuque modesto.
Tunc sic alloquitur, curasque his amovet orsis.
O jubar Hesperiæ! summo o dilecta Tonanti
Elisabetha! polo quondam promissa nitenti

O odor suave das purpureas flores.
Penetra os coraçoes horror divino
E assombroso praser espanta a plebe.

O' dilecta de Deos p'ra quem Favonio,
P'ra quem Flora nos seus vergeis formosos
Seus gratos dons produzem e os thesouros,
Taõ flexiveis á vóz d' altos misterios,
Que em obsequio singelo te offerecem.
Tu és Deosa, tu flor, a aurea Venus
Ceda, ceda a mais alta Divindade.
Se a rosa inda conserva de seu sangue
Nas folhas o rubor, tem por coroa
Do teu ouro os sinaes misteriosos,
Como Princesa das fragrantes flores.

Demudadas assim as rosas lindas,
Para ao ceo tributar as dignas graças,
Elysabetha vai ao sacro templo.
Ainda bem naõ tinha ajoelhado,
Nem as palmas erguido ao ceo piedoso,
Quando hum claraõ maior que o do aureo Febo
Pelo vasto edificio se diffunde.
Apresenta-se entaõ o pulchro Alado,
Que no porte e no gesto um Deos parece,
E desta arte mitiga os seus cuidados:
« O' de Hisperia esplendor, de Deos presada,
Elysabetha, promettida gloria

Gloria! pone metum lacrymasque absterge decoras
Me tibi sydereus Rector, cui paret Olympus,
Misit, ut insanum possis componere bellum.
Hoc tua magna fides, pietas hoc, criminis expers
Vita ita cælestis meruit: proh gaudia regnis
Quanta tuis tribues? quantos Regina labores
A Lysia avertes?

Stupuit conterrita visis
Mater, at ingentem pellunt audita timorem,
Lætitiamque ferunt; tandem sic orsa vicissim.
Vera ne tu loqueris! verus mihi nuntius adstas,
Chare Deo superis civis pulcherrime cæli?
O Pater, o maris, o terræ, cælique repertor
Misisti tandem nostris solatia curis!
Tandem misisti, tuaque expectata roganti
Advenit pietas? nec eam mea crimina tardant?
An me lectus habet, falluntque insomnia vana!

Hæc ait exultans: iterumque serenus Olympi
Aliger ambrosio sic est sermone profatus:
Ne dubita, nam vera vides, et vera reporto
Nuntia, stelligeras non sic dolus accolit oras:
Ibis, et insanas, domito Mavorte, cohortes

Ao ceo brilhante, as lagrimas reprime!
Naõ te assustes, tem animo, socega!
O que o mundo governa, a ti me envia,
Afim que as guerras pessimas extingas.
Tua fé, teu fervor, tua piedade,
Tua vida exemplar tudo merecem.
Oh que ditas derramas sobre Lysia!
De que tribulações tu a libertas! »

Com tal visaõ a inclyta Rainha
Assombrada ficou; mas a doçura
Da lisonjeira voz lhe expelle o medo;
Alegria recobra, e assim responde:
« É verdade o que dizes pulchro Alado?
És fiel mensageiro, Deos te envia?
E tu, clemente Pai, a nossas penas,
A nossas magoas mandas lenitivo?
Vem já tua piedade soccorrer-me?
Vem dar-me a protecçaõ que ha tanto imploro?
Naõ se horrorisa naõ dos meus delictos?
Eu deliro talvez, eu sonho, eu sonho! »

Assim disse de gosto trasbordando,
E o Anjo Alado entaõ assim lhe torna,
Com estas expressões consoladoras:
« Naõ duvides, Rainha, naõ duvides,
Infalliveis arcanos te revelo,
Nem mora a fraude na celeste esfera:

Eripies letho, genitumque virumque minantes
Flectes, et subitâ mitescere bella quiete
Aspicies, celebrique redibis clara triumpho.
Magna quidem, magna hæc sunt, sed majora reserva
Dona polus, neque (plus animo jam concipe) solum
Arma premes gnati, vel flectes bella mariti,
Sed super ista tui placabis castra nepotis,
Emoriensque dabis pacem, velut orta dedisti,
Et Princeps pacis (sua dat tibi nomina numen,
Proh decus eximium!) toto vocitabere mundo.
Hac tibi vita tenus: jamjam te poscit Olympus,
Et jam magna tui super astra volabit imago.

O felix quantâ tunc vitam morte relinques!
Ipsa tibi, magnâ superum comitante coronâ,
Virgo sui Genitrix genitoris abire paranti
In cælos aderit, vultuque juvabit amico;
Me quoque principibus permixtum læta videbis
Æthereis, magnâ sed tantum virgine fixa
Lumina tu Mariâ, contempto lumine solis,
Aspicies, oculos mediâque in morte natantes
Hoc dulci obtutu (proh gaudia mira!) resolvens.

Irás, e arrancarás das maõs da morte,
Vencendo Marte, as miseras falanges;
Reconciliarás marido e filho;
Verás trocada em placido socego
A crua guerra e voltarás ovante.
Saõ estas, saõ por certo acções sublimes,
Mas aguardaõ por ti premios maiores,
Maiores dons que o Olympo te prepara.
Os marciaes conflictos de teu neto
Tambem (eu to revelo) depois destes
De ti o fim teraõ; e ou morta ou viva
A paz te seguira; haõ de chamar-te,
(Que gloria! Deos seu nome te concede)
A *Princeza da paz* por todo o mundo.
Desta sorte o vital trajecto esmaltas!
Mas o Olympo te chama, e honrar-te folga.

Oh que morte feliz te rouba á vida!
A mesma sacrosanta virgem pura
De mil coros angelicos cercada,
Te assistira no transito ditoso
A animar-te com gesto affavel, brando. (*g*)
Tu alli me verás leda e risonha
Com elles de mistura; mas teus olhos
Já luctando com a morte, entaõ abrindo
A taõ suave vista, taõ somente
Os meus fixos verás na virgem pura,
Que extaticos e absortos, divertillos
Nem do sol poderá a claridade.

Nobilitata tuo Stremotia funere tellus
Mater erit, celebrem sed corpus in Herculis urbem
(Lecta tibi sedes) Lysiâ stipante feretur.
Uno tanta loco non posset gloria claudi.
Squallentes fervens tunc uret Syrius agros,
Corpus at illæsum nimios non sentiet ignes,
Sed gratum membris polus omnibus addet odorem:
Nec servasse semel satis est, placet usque sacratum
Corpus inextincto vernantis honore juventæ
Spargere, et æternos, ceu vivum, ferre per annos.
Hic te proh quanti (Deus immortalis) honores
Expectant! quantis cæli ditabere donis!
Quot referes gratæ languentia membra saluti!
Quotque pedes claudis, os mutis, lumina cæcis!
Hic chorus Aonius, celebres hic carmine vates
Multiplici vates, quos Cynthius æquus amabit,
Te super astra ferent, nunquam tua facta senescent.
Semper erunt, semper meminisse juvabit Elysæ.

Annua solemni tibi pompâ festa dicabunt
Herculei proceres, variis spectacula ludis
Ad tumulum statuent, et præmia magna rependent.

Illustrada será com tua morte
Notavel Estremoz, porem teu corpo
Transferido será com grande pompa
A' de Hercules cidade celebrada,
Que já tens escolhido: tanta gloria
N'uma cidade só naõ caberia!
O sirio abrasador os campos torre,
Queime tudo sem dó, teu corpo illeso
Jamais pode sentir do fogo a ira;
Sempre elle exhalará um grato aroma.
Mas isto assaz naõ é, teu corpo sacro
Florecerá com grata juventude,
Como vivo por toda a eternidade.
Oh quantos dons sublimes, quantas prendas
Nosso Deos immortal te lib' ralisa!
Quantas vezes de ti membros tolhidos
Teraõ a robustez, pernas os coxos;
Quantas os mudos falla, e vista os cegos!
O coro gracioso aqui das Musas,
Os vates immortaes que Cynthio prese,
Teus feitos cantaraõ, e teus louvores
Aos astros levaraõ, e será sempre
Gostoso recordar d' Elysa o nome.

Solemnes annuaes festividades
Chorêas festivaes, com grandes premios
Junto ao tumulo teu em honra tua
Te votaraõ os cidadãos illustres.

Jam te sydereis properat describere fastis
Roma, caput mundi, jam te pater orbis, et urbis
Urbanus Sanctam vocat, et te destinat aræ,
Sanctaque dicêris totum Regina per orbem.
Tempus et illud erit, quo te celeberrimus Heros
(Hunc anni properate diem) de sanguine cretus
Ipse tuo, patriæ qui mæstæ vincula rumpet,
(Quid moror excelsi nomen proferre nepotis)!
Joannes Quartus, quo non illustrius ullum
Sæcula prisca jubar, neque sæcula vestra tulêre,
Nec ventura ferent: Joannes gloria Lusi,
Aurea sub quibus auspiciis renovabitur ætas,
Ornabit magnis, cultu non paupere, templis.
Nascere magne Pater, Lysiæ relevare labores
Cui dabitur miseræ: trepido tu semper Ibero
Horror eris, Lusis amor, alto sydus Olympo.
Magne Pater, supplex cui sese purpura quondam
Offeret, et solum quem sceptra superba rogabunt,
Tanto quippe viro se sors putat ipsa minorem.
Nascere: se tibi jam totum concedit Olympus,
Jam Deus ipse manu firmat tua regna potenti,
(O' manus! o magnum divini pignus amoris)!
Jamque dolos aperit, quibus (omnibus impar in armis)
Clam superare studet, tantùm non ausus Iberus
Contra stare ducem. Tu dextro sydere magna

Já Roma eximia, capital do mundo (*h*)
Te inscreve nos seus fastos memorandos,
E Urbano já por sancta te intitula;
Já te erige aos altares, e já todos
Devota adoraçaõ fieis te rendem.
Feliz tempo virá que o Heroe preclaro,
Descendente de ti, bem desejado,
Da patria escravisada os ferros quebre.
Ah! porque naõ profiro já seu nome;
Será quarto Joaõ, teu neto excelso,
Que os seculos jamais igual tiveraõ,
Nem podem vir a ter; Joaõ preclaro,
Este Heroe Portuguez, honra de Lysia,
Que fará radiar os aureos dias,
Que erigirá famosos sanctuarios,
Com culto apparatoso venerados.
Vem, ó invicto Pai, vem dar alivio
'A triste afflicta Lysia, a ti é dado,
Da infame escravidaõ romper-lhe os laços.
Serás terror do Ebro espavorido,
Dos Lusitanos idolo estimado,
E refulgente estrella entre as estrellas.
Vira, ó grande Pai, um feliz dia,
Em que os sceptros, e a purpura te offertem,
De teu merecimento escasso premio.
Vem; tudo te franquea o claro Olympo,
E Deos com sua maõ te assella os Reinos.
O' preciosa dadiva celeste!
As vis maquinações te patentea
Com que o Hispano fallaz tenta perder-te,

Natus ad acta venis, sed te magis omnibus unum
Fas est ampla tuæ Reginæ tecta dicare,
Et consanguineum templis extollere Numen.
Proh Regina tuos quantum hæc augebit honores
Progenies! cinget quantis altaria donis!
Qualis, et ille dies, quo te Rex ipse vetusto.
Transferat à templo, celsique in vertice montis
Sublimem statuet, meliorique æde locabit!
Hancque videns sperat jamjam Conimbrica lucem,
Sperat et ipse sacro mons designatus honori,
Jamque suæ exultans præfert spei nomen, et omen.

Conjugis, et nati nunc me ventura vocabat
Fama tui; sed ego tanti post acta nepotis
Quid referam, magnum licet illud adæquet Achillem,
Parvula quod tanti non fiat luminis umbra?
Et tibi dicendo lætum jam tardo triumphum:
Vade, vide, et vince. Hæc ubi dicta profatus, in altum
Se tollit cælum, cælumque fragore sereno,
Et tonitru fausto lævâ de parte tonavit,
Dicta Dei firmans. Stetit imperterrita mater,
Et volucrem tali fugientem est voce sequuta:

Naõ ousando medir comtigo as armas.
Assombro excitaraõ tuas façanhas;
Porem os altos templos que á Rainha,
Teu Nume consanguineo dedicares,
Mais celebre faraõ teu nome illustre.
O' sob' rana feliz, ás tuas honras
Quanto augmento dará tua progenie;
Quantos dons te porá nas sacras aras!
Lá vem dia que o Rei piedoso, invicto,
Do velho te transfira ao templo novo,
Que c' roa de elevado monte o cume.
Já Coimbra feliz tal dia espera;
O monte vaidoso já se ostenta,
Exulta ufano já co' a doce esp'rança
De guardar o penhor edificante.

Os feitos de teu filho e teu marido
Revelaria agora, porem tendo
Predito os de teu neto, quanto obscuro
Naõ seria o painel da sua gloria
Ainda que á d' Achilles a igualasse.
Mas ah! que inda naõ disse o teu triunfo!
Vai, vê, e vence. » Assim vaticinando
Aos ares remontou; do lado esquerdo
Com suave fragor, presagio fausto,
O ceo troveja, e firma o vaticinio.
Impavida ficou esta Heroina,
E taes palavras diz ao fugitivo:
« Do diafano ar, ó ave egregia,

Maxime præcelsum puri decus ætheris ales,
Ales prima chori volitantis gloria, veri
Mercurius Jovis, alis sol, oculisque cupido!
Sic quum stellifero lætus spatiabere campo
Aurea dulcisono tibi plaudant sydera motu,
O faveas! dexterque meos nunc dirige gressus.
Hæc ait; atque viam charos molitur in hostes.

Hactenus infernæ fraudes, miracula, cœlum,
Nunc me bella vocant:

Jam Mavors intonat armis,
Horrida terribili reboat jam buccina cantu,
Pulvere jam cælum, terram pede, et aëra telis
Condit uterque globus:

Nunc belli æquare furorem
Pinde, furore tuo; doctâ nunc Pallade, sævam
Pallada; Bellonam nunc nunc superare Minervâ,
Atque sonare tuba, dum Mavors fulminat ense,
Mens agitat; major mihi nervos tendat Apollo.

Vix in conspectu, modicâ tellure, diremptæ

Honra e primor de todo o coro alado,
Verdadeiro Mercurio do alto Olympo;
Assim os astros nitidos te applaudaõ
Com suave murmurio, quando leda
Pelo campo azulado te espraiares.
Propicia favorece-me, e meus passos
Agora me dirige: » Assim dizendo
Aos caros inimigos se encaminha.

As tramas infernaes, os ceos, prodigios,
Até qui eu cantei; as marcias lidas
Vaõ ser agora assumpto de meu canto.

Já Mavorte desperta em toda a parte
Das guerras o furor; os sons horrendos
Da bellica trombeta tudo atroaõ.
Tolda-se o ceo de pó, e as duas hostes,
Occupando da terra ingente espaço,
De settas um choveiro ao ar despedem.

Tu, Pindo, agora o teu furor me infunde
Que da guerra o furor exceda, e vença;
Furor taõ forte que supere as iras
Da mesma Pallas e da atroz Bellona;
E em quanto o fero Marte brande a espada,
Eu farei resonar a marcia tuba,
Que alento sup 'rior me inspira Apollo.

Já do filho e do pai as duas hostes

Effulsere truces gnatique patrisque cohortes;
Quum rigidam præceps (scelus!) ira lacessere pugnam
Compulit alternis: tuba Principis horrida magno
Arma fragore prius sonuit; responsa tremendum
Reddidit æs Regis: tanto perculsa boatu
Terra tremit, dubiusque polus minitare ruinam
Visus, et in fontes pavefacta redire fluenta.
Agminis in medio Rex corpore, cordis ad instar,
Prælia disponit, curruque videtur in alto
Ante feram pugnam lætum jam terre triumphum.
Aurea sed Lysio cassis serpente tremenda
Tempus utrumque tegit, magno minitatur hiatu
Os, et more specus, terno dens agmine, terno
Lingua furit motu; crebris ventosque sagittat
Ictibus; horrendâ trepidant in fronte jubarum
Sanguinei radii, et cristas simulare videntur
Cassidis; arrectæ pennis ingentibus alæ
Congeminantque jubas, et honorem frontis adaugent
Terrificum torvæ: prælatum pectus obarmat
Ære ingens thorax, et splendens; hasta volanti
Magna manu tremit; hasta leves superare sagittas
Cui solitum, fortis cum transvolat acta lacerti
Amento rapido; clypeum manus altera portat,
Non ad munimen (nam corpus dextera servat)
Ad pompam tantum. Sic arma ferebat Achilles

Estaõ á vista em modica distancia;
Para as arduas pelejas já se ensaiaõ
Com impeto e furor desatinado.
Do Principe o clarim soou primeiro,
Da guerra annunciando o horrendo estrago;
Respondeo o do Rei com som medonho:
A terra estremeceo com o estampido,
O polo ameaçou total ruina,
E os rios espantados recuaraõ.
Das cohortes no centro o Rei estava,
Montado em alto coche, dando as ordens,
E antes já da batalha parecia
Celebrar o triunfo da victoria.
Resguarda-lhe a cabeça o aureo elmo
Com Lusitana serpe ennobrecido:
A boca formidavel tem aberta
Em forma de espelunca; de dentuças
Tres series apresenta; e ousada vibra
A lingua tripartida com que os ventos
Com crebros golpes sibillante açoita.
Tremolaõ-lhe na fronte rubras cristas,
Que do elmo os penachos assemelhaõ:
Emparelhaõ com ellas altas azas
De grandissimas pennas, que realçaõ
Do terrifico aspecto a reverencia.
Bronzea couraça o peito lhe guarnece;
Sustenta huma das maõs robusta lança,
Que supera fugaz as leves settas,
Quando a vibra do nervo o braço airoso;
O rutilante escudo a outra empunha,

Mulciberis fabrefacta manu, licet ulla notare
Tela reluctantem non possent vulnere pectus.

Parte ex adversa rapidum furibundus agebat
Natus equum, hinnitu tonitrus, et flumina cursu
Æquantem, candore nives; sub pondere gestit,
Atque gemit sonipes, humilisque, feroxque vicissim,
Nunc onere igenti premitur, nunc se inflat honore.
Haud utero tantum, quantum tergo iste ruinam
Dardanius portavit equus, cum fortia multo
Milite sopitæ succendit Pergama Troiæ.
Mille viros licet ille ferat, licet iste sit uno
Armatus solum, numerum vis inclyta vincit.
Aureus in dextrâ micat ensis, fervidus, ingens,
Terribilis, rapidus, quem tristis mallet Orion,
Lucida crudeli cum terret sydera ferro.
Sic ferus, immanis, sic Mars horrore tremendus,
Cùm Bellona rapit fortes in prælia Thracas,
Ingreditur cuneos, et campos vertit in amnes
Sanguine, et in montes, cumulato funere, valles.

Para a defesa naõ, mas para ornato,
Por que a dextra preserva o corpo todo.
Com taes armas Achilles se adornava,
Pela maõ de Vulcano fabricadas,
Posto que o peito seu jamais podesse
Crueis golpes sentir d' agudas hastes.

Da parte opposta o filho furibundo
Já esporea o bellico ginete
Que remeda os trovões nos fortes rinchos,
Os rebatados rios na carreira,
E na alvura da côr as brancas neves.
Já feroz e suberbo se enfatua
Por levar sobre si o nobre Joven;
Já humilde se abate, já suspira
Do exorbitante peso comprimido.
O impavido guerreiro que o cavalga
Mais valor mais denodo tem que a turma
Que o cavallo Dardanio no seu bojo
Fraudulento levou a Troia incauta,
E em vasto incendio a reduzio a cinzas.
Na dextra lhe rutila huma aurea espada
Grande, terrivel, fervida, incançavel,
Qual a que Orion esgrime contra os astros,
Que ataviaõ dos ceos o manto ethereo.
Assim Marte feroz, quando Bellona
Impelle á guerra os Tracios denodados,
Acommette as falanges inimigas
E de sangue as planicies alagadas

Ingentem sylvam densatis undique plantis
Ille, vel hic jaculis simulat globus; aurea pictis
Cassis onusta jubis volucres per densa vagantes
Robora mentitur :

Pulcherrima Martis imago,
Ast horrenda tamen; ludunt vexilla per auras
Versicolora, nitent clypei, lituique resultant,
Stat sonipes, et stare nequit, ferit ungula campum,
Hinnitus ventos, indignaturque teneri.
Cingula, frena, jubæ, facies, color, arma, pharetræ,
Delectant, terrentque simul; decor inde ferocit,
Allicit hinc horror; pulchris ita floribus Ætna,
Terrificisque rogis hinc ridet, et inde minatur:
Sed jam discessit decor horror mansit utrumque.

Jam furit ensis atrox, jam tela corusca rubescunt;
Jam clypeus clypeo, pede pes, et casside cassis,

Em rios se convertem; baixos valles
Com tanta mortandade montes ficaõ.
A bastidaõ das flechas despedidas,
Com que embrulhaõ os ceos as duas hostes,
De densas brenhas a espessura iguala;
Do aureo morriaõ os martinetes
De varias cores ondeando imitaõ
Aves que adejaõ por frondentes selvas.

De Marte a prespectiva quanto é bella,
Porem quanto terrivel! Pelas auras
As bandeiras vistosas se meneaõ;
Retinem as espadas e as adargas,
Rutilaõ os broqueis, as tubas soaõ;
Naõ tolera o ginete estar immoto,
C'os cascos fere o chaõ desesperado,
E os ventos c'os relinchos desafia:
Os jaezes listrados, os arreios,
As aljavas, as armas, equipagens
Juntamente deleitaõ e amedrontaõ;
Daqui vem o praser, dalli o medo.
Assim o Etna abrasado e florecente
Ora encanta e recreia com as flores,
Ora com fogo ardente atemorisa:
Mas o enlevo se vai, o susto fica.

Já rapida trabalha a atroz espada,
Já se tingem as armas refulgentes,
Tudo já se contrasta em guerra aberta:

Virque viro premitur, pugnat mucroneque mucro.

Nunc age, quis primus civili sanguine campus
Armaque conspersit? Tu sæve Alfonse fuisti,
Qui magnum Cosmam lethali vulnere victum,
Cosmam signa patris, melioraque castra sequutum
(O' furor! o præceps rabies! manus effera! vulnus
Infandum!) misso per fortia pectora ferro
Stravisti! ruit ille manu labente remittens
Imbelle, et proprio madefactum sanguine telum.
Ut rapidam primo rubefecit vulnere dextram,
Sanguinis utque sitis conspecto sanguine crevit;
Non Elephas viso stimulatur in arma cruore
Amplius, aut densos interfurit acrius hostes.
Hos clypeo resupinat, equo premit horridus illos,
Hos jaculo forat, hos fatali dissecat ense;
Ense Thomæ ferit ora, Sebasti pectora, Pauli
Tempora; Paulus eques, pedes ille, auriga Sebastus
Brachiara te dives, te magna creavit Olixbo,

Um soldado contrasta outro soldado,
O capacete encontra o capacete,
Os escudos, os pés tambem se encontraõ;
Homens, armas emfim tudo se choca.

Vejamos ora pois qual foi primeiro
Que as armas rubricou, regou os campos
De sangue fraternal? Tu foste Alfonso;
Tu deshumano o peito atravessaste
Deste Cosme fiel com lethal golpe,
Deste que as quinas de teu pai seguia,
Pisando do dever a estrada honrosa.
Oh desesperaçaõ! oh maõ impia!
Golpe nefando! Misero morrendo
Da maõ exangue larga a setta imbelle
De seu brioso sangue rociada.
Mais encendido entaõ se torna Alfonso
Mais sedento de sangue por ter sangue
Já neste encontro lugubre esparzido.
Naõ parte com mais impetô o elefante,
Se ferido se vê, aos inimigos
E ás contrarias hostes se arremessa.
Estes prostra d' encontro com o escudo,
Já c'o rude cavallo esmaga aquelles;
A espada e dardo talha e passa os outros;
Já de Thomé o rosto a espada fere;
Já de Sebastiaõ o peito rasga,
E de Paulo a cabeça abola e talha:
Aquelle piaõ é, mas este equestre,

Hunc celebres Lysiæ non accipietis Athenæ.

Non cadit ensis atrox, quin perforet arma, nec arma
Perforat, ingenti quin corpus vulnere rumpat,
Vulnere nec rumpit, quin vitam funere mutet.
Flumina jam sanguis, jam cæsa cadavera montes
Efficiunt : omnes unus sternitque, fugatque,
Nec modus, aut requies : uno quis credere ense
Funera tanta dari? non funera tanta dedisset,
Quamvis centenos clypeos, centenaque tela
Bis centum gereret manibus Jovis ampla Typhæus,
Gloria victoris : nec si superasset Olympum
Ille foret tanti species satis æqua furoris.

Nec minus interea patris ira ruebat; ovantes
Quocumque impellebat equos, ibi cædis imago
Multa feræ : cuneos mors cunctos una trucidat,
Pugnaque crudelis strages, non pugna, videtur.
Per laceros artus, rapidum rota fervida currum
Ducit, iterque altâ gaudet rupisse ruinâ.

Sebastiaõ de auriga o officio exerce;
A todos o ser deo Lisboa e Braga,
Nem este mais verás, ó Lusa Athenas.

A matadora espada naõ descança,
Devora e traga as rigidas couraças,
Cotas, malhas, arnezes defensivos;
Dos corpos a travez fervida rasga
Crueis feridas, donde brotaõ rios
De negro sangue, e alfim segue-se a morte,
E montões de cadaveres se topaõ.
Quem poderia crer que um só guerreiro
Milhares destruisse e affugentasse,
E tantos entregasse á morte crua!
De Jove pela maõ Thypheo prostrado,
Tanta matança naõ commetteria
Com suas maõs duzentas, que agarrassem
Cem escudos e cem farpadas lanças;
E ainda que escalara o mesmo Olympo
Deixara apenas debil arremedo
Do furor deste intrepido mancebo.

Nem do pai o furor menos destroços
C'os cavallos ovantes accumula.
Inteiros batalhões d' um jacto prostra:
Destruiçaõ se vê por toda a parte.
Juncaõ o chaõ os membros retalhados,
A roda gira rapida sobre elles,
Contente de marchar sobre ruinas.

Fit sonus, immanem dantque ossa refracta fragorem,
Arma cruore, cruor maculatur pulvere, pulvis
Densatur sudore : replet jam magna cadentum
Copia fumantem exundanti sanguine campum ;
Qualiter obliquo magnum duo fulmina montem
Igne petunt, geminâque ruunt incensa ruinâ
Robora, et horrendâ flammâ nemora alta perurunt.
Decertare putes, quodnam perrumpere saxa
Fortius, aut veteres valeat prosternere plantas:
Haud alia est genitique, patrisque furentis imago.

Jamque propinquabat stimulis agitatus Averni
Alter in alterutrum; medio cum fulsit Elysa
Æquore, et indensum (o memoranda audacia!) ferrum
Sese projecit, clari haud ignara triumphi.
Extemplo major, solitoque augustior, ipsisque
Haud impar superis visa est : discessit utrinque
Miles, et armatus Divam trepidavit inermem.
Nec mora, jam placidâ mitescere prælia pace
Incipiunt, aciesque stupent, compressus, et omnis
Impetus armorum. Sic quando prælia fratrum

Esmagados na terra em pó desfeitos
Estalaõ com fragor horrendo os ossos;
Toldaõ nuvens de pó os emisferios,
Um copioso suor os corpos lava,
E negrejaõ de sangue as armas tintas.
Da grande multidaõ de corpos mortos
Rebenta em borbulhões o negro sangue,
E fumegando ainda inunda os campos.
Quando dois raios, se alto monte assaltaõ,
Carvalhos queimaõ, todo o bosque abrasaõ,
Parecendo com furia disputar-se
Qual fenderá mais forte as broncas rochas,
Ou qual derribará com mais violencia,
Grossos troncos que o tempo respeitara;
Tal é dos dois guerreiros a pintura
E dos furores seus o fiel quadro.

Já cheios de furor um contra o outro
Impetuosos marchaõ; eis que Elysa,
Mais veneranda ainda e mais augusta,
Do que soia ser, igual aos Deoses,
No centro da campanha resplandece,
E animosa se arroja, oh nobre audacia!
Por entre as densas armas coruscantes,
Sciente de gosar triunfo excelso.
Da diva desarmada tremem todos:
Já os soldados de ambas as falanges,
Os rudes esquadrões de linha em linha
Descoroçoaõ, pasmaõ, se confundem;

Aonidum, cælo pietas delapsa petivit,
Tela cadunt, frigent cunei, lituique silescunt.

At mater postquam cataphracta per agmina charum
Invenit genitum; lacrymis ita fatur obortis:
Tantane te tenuit regnandi, Nate, cupido,
Ut patriamque, patremque, uno tumulare sepulchro
(Heu scelus, heu!) studeas? nec te data dextera Patri,
Matre jubente, movet? nec te divina ruentem
Jura tenent, retinetve parentis amabile nomen?
Nec pietas, nec lex, nec te hæ, furibunde, minantur
Hæ lacrymæ! has ego per lacrymas te deprecor arma.
Projice dura manu, sanguis meus, impia tela
Projice, nec mea nunc morti dare viscera perge.

Ibat adhuc lacrymis exornans verba profusis,
Sed natus, mediis vicisti, clamat, in orsis,

Os combates fataes se modificaõ;
Da guerra o reboliço infame cessa,
Precursores da paz indicios certos.
Dos Aonios irmaõs assim tiveraõ
Pelo piedoso ceo remate as brigas;
Os batalhões as armas deposeraõ,
E os bellicos clarins emmudeceraõ.

Já das armadas multidões no centro
A solicita mai o filho encontra,
E com mimoso choro assim se exprime:
« A ambiçaõ de reinar, ó caro filho,
Te arroja, te estimula a tal excesso,
Que á mesma sepultura levar queiras
Teu pai, a patria tua? Oh que maldade!
Naõ cedes a teu pai, naõ obedeces,
Depois de eu te mandar, e ser por elle?
Os decretos divinos naõ te abalaõ?
Naõ te move de pai o nome caro?
As lagrimas, preceitos, rogos, mandos,
Comtigo nada valem, nada podem?
Ah furioso, abate as crueis armas!
Sim essas impias armas, eu to peço
Por este que derramo terno pranto!
Ah! naõ me des a morte, as armas deixa! »

Continuava ainda lacrimosa,
Quando o filho a suspende, assim clamando:
« Venceste, ó mai, venceste; a luz divina

Vicisti Genitrix; nubem discussit Averni
Lux cæli; video jam jam mea crimina nullis
Crimina supliciis satis, heu! plectenda: quis ardor
Quæ me præcipitem rapuit vis! ah mea quisnam
Corda furor tantum ad scelus impulit? effera demens
Arma patrem contra (quâ nam hanc ego morte piabo
Impietatem animi!) sumpsi, patriamque coegi
In propriam (miserum me! me miserum!) ire ruinam
Ipse tuum nostro maculavi crimine nomen,
Chara parens; tu pulsa thoro, sceptrisque fuisti,
Et vivo, nec adhuc vitam finire dolore
Evaleo! Cives nunc, o nunc vertite ferrum
Meme (adsum qui feci) in me, pater optime, pœnas
Nunc meritas sume: hæc loquitur, patremque requirit
It simul, et genitrix nati gavisa dolore.

Ut stetit ante virum blando sic incipit ore:
Parce pias scelerare manus (Rex maxime) gnato
Parce tuo; en veniam lacrymansque, gemensque pre
Parce mihi, læsi tua si nunc jussa. Negarunt
Dicere plura oculi. Tunc Rex lacrymatus, et ipse;

As trevas dissipou emfim do Averno:
Já, já vejo meus crimes, e conheço
Que supplicio nenhum basta a punillos.
Que horrivel desatino, que cegueira!
Que furor me impellio a tal maldade!
Insensato travei das impias armas
Contra o pai, contra a patria (oh impiedade!)
Erro fatal que expiarei co' a morte!
Fui eu que os instiguei a que corressem
A sua perdiçaõ! ai desgraçado!
Fui eu, ó cara mai, quem por meus crimes
Mancheí a gloria illustre de teu nome;
Por minha causa foste despojada
Do toro e sceptro; e vivo, e inda naõ morro
Do peso dos remorsos opprimido!
E vós, ó cidadaõs, contra mim mèsmo
Vosso ferro voltai, aqui me tendes!
E tu, optimo pai, em mim te vinga,
C'o rigor que eu mereço o crime pune. »
Expressando-se assim, o pai procura
Co'a mai contente já de o ver contrito.

« A teu filho perdoa, ó Rei preclaro,
Lhe diz ella com gesto enternecido,
O ter polluto suas maõs piedosas;
Perdoa-lhe, contrito venia implora;
Perdaõ arrependido te supplica,
E a mim perdoa se quebrei teus mandos. »
Naõ mais lhe permittio dizer o pranto.

Immo ait, o conjux dulcissima, parce marito,
Exiliumque tuum releva, nostrumque furorem;
Dixerat, inque almæ cervice recumbit Elysæ,
Grataque terrificas deflectit ad oscula palmas,
Et pronum ante pedes levat ad pia brachia natum.

Undique spectandi studio Lusitana juventus
Circumfusa coit, certantque attolere palmis
Victricem Heroinam, nec mora Regis in alto
Constituunt curru, et magni monumenta triumphi.
Tela refracta virum, clypeos, galeasque jubasque
Sanguine rorantes, quosque ipsa represserat enses
Suspendunt : bijugi tanto sub pondere læti
Signa pedum nequeunt indigna figere terra.
Subsequitur celsam pedes ampla per æquora Divam
Hinc pater, hinc genitus positis jam blandior armis,
Circumdant Lysii, et currum comitantur ovantem,
Victoremque vocant, tutelaremque benignam.
Pars choreas agitant, pars dulci carmina voce,
Argumenta tuæ virtutis carmina, fundunt.

Entaõ o Rei carpindo-se elle mesmo,
E vendo já seu erro, assim se exprime:
« A mim antes perdoa, esposa amavel,
Releva o teu desterro, e meus furores. »
E logo abraça Elysa carinhosa,
Para beijada ser a dextra off'rece,
E recebe em seu collo o filho caro,
Que prostrado a seus pés estava ainda.

De toda a parte a Lusa mocidade
Acode, e nos seus braços á porfia
Levantaõ a Heroina vencedora,
E logo a vaõ sentar do Rei no carro
C'os nobres monumentos de triunfo.
Os eternos trofeos alli penduraõ,
Despedaçadas lanças, os escudos,
Os capacetes, cascos, cristas, timbres
De sangue rociados, e as espadas
Que ella mesma atalhou nos feros golpes.
Dos trofeos os ginetes ufanados
Velozes mal na terra os pés imprimem.
Pela vasta planicie a Diva excelsa
Acompanhaõ a pé o pai e o filho,
Já perdido o furor da crua guerra.
Immensa multidaõ de gente os cerca,
O triunfante carro alegres seguem,
Tutelar vencedora a Diva acclamaõ.
Uns já travaõ choréas agradaveis,
Despedem outros cantos maviosos,

Ut premis horrendum in lucem vix edita Martem,
Martem per patrios spargentem incendia campos,
Utque salutiferâ languentia corpora dextrâ
Vivificas iterum. Fulvum, tu Diva, metallum
In roseos miro transmutas ordine flores,
Maxima tu siccâ tendis per flumina plantâ.
Te rapidi tremuere rogi, fidumque ministrum
Tristibus à flammis servarunt, sonte per usto,
Te majora pio superata incendia fletu
Condecorant; natam per te sublatus ab igne
Purganti genius, supero jam regnat Olympo.
Tu requies miseris; nunquam te pauper adivit,
Quin dives multis donis cumulatus abiret.
Salve, chara parens, Lysiis decus addita regnis,
Atque tuum placidâ, Dea, suscipe fronte triumphum

Hæc festis celebrant numeris: super omnia Martem
Adjiciunt patrium, devictaque bella renarrant.
Omnia responsant, lætoque fragore resultant
Montes, prata, nemus, geminataque vocis imago
Non solito voces, sed jam pleno ore recantat.
Non ego, si cunctæ poliant mea carmina Divæ
Gaudia tot, celebris præconia tanta triumphi,
Festaque tot longo possem percurrere plectro,

Em louvor das virtudes da Heroina.
Assim, ó Diva, tu suffocas Marte,
Que devasta, incendeia os patrios campos;
Assim os corpos lassos, quebrantados,
Com maõ prodigiosa vigorisas.
Tu transformas tambem em lindas rosas
O fulvo ouro, forçando a natureza;
Tu vadeas a pé rios profundos;
Respeitaõ-te as fogueiras, pois naõ queimaõ
Senaõ o criminoso, e naõ teu servo;
Vivos incendios apagou teu pranto;
Das chammas purgativas tu salvaste
Uma alma que subio á eterna gloria; (*i*)
Tu dás satisfaçaõ aos infelizes,
Tu aos pobres os bens pedidos prestas.
Salve, salve, ó Mai cara, honra dos Lusos,
Com bom acolhimento, e bons auspicios
Recebe o teu triunfo, e meu tributo.

Com festivas canções gratos celebraõ
Tamanhas maravilhas, mas exaltaõ
Com preferencia a tudo o fim das guerras,
De Marte o vencimento, e a paz dos Lusos.
Com ledo som retumbaõ teus louvores
Os montes, prados, brenhas, e florestas,
Até os mesmos ecos prasenteiros
Com delicado esmero os articulaõ.
Eu proseguir na Lyra mais naõ posso
Os feitos transcendentes sublimados,
Que immortaes apregoaõ teu triunfo,

Et me jam patrio sperant in carmine Musæ.

Prestabis ne diu, sicutque poemata vives,
Aspera quæ multos detersit lima per annos;
O mihi nunc mensem temere evigilata per unum,
Ardua dum celebris subeo certamina ludi
Elisabetha! tibi jam certè risit amico
Sors vultu; clari dio jam pectine vates
Te super astra levant; jam clari nomina Regis,
Nomina præcelsi magnum mihi numinis instar
Fronte geris, tantoque polum sub præside tangis.

Vive ergo, felixque pedes ad regia magni
Tecta fer Herois, quo non illustrius ullum
Sæcula prisca jubar, nec sæcula nostra tulere,
Nec ventura ferent; cujus sub nomine nomen
Tempus in omne tuum latum sublime per orbem
Vivet, et ut Martem, sic mortem vincet Elysa.

E já das nove irmãs o gentil coro
Me convida a cantar em patrios versos.

E tu, Elysabetha, grato fructo
Das fadigas de um mez, d' um desafio,
Emularás acaso os bons Poemas;
Producções dos desvelos d' annos largos,
Que triunfaõ do tempo formidavel?
Que risonha, que affavel sorte é a tua!
Já nas Lyras divinas nobres vates
Te celebraõ; e já na tua frente
Estampado te adorna o nome illustre
Do Regio Nume, dadiva divina,
E com elle dos ceos ao alto sobes.

Vive pois, feliz vive, e vai aos paços
Deste excelso Monarcha mór que quantos
Creado tem os seculos té-gora,
Ou crearem depois, com seus auspicios
Teu nome será sempre perduravel;
Vivira, vivira d' evos em evos:
Quem Marte vencer póde a morte vence,
Sempre eterno será de Elysa o nome.

custa de seu trabalho e de sua fazenda, pagando a Sancta Raynha por algus delles. Nem avia contentamento que lhe chegasse a ver amigos os que eraõ inimigos, e viviaõ em odios mortaes. Merecendo por estas obras esta gloriosa Santa titulos de *Rainha pacifica*, e madre da patria, que naõ menos procurava a paz e bem dos seus vassalos, que se foraõ seus filhos.

Fr. Marcos de Lisboa, part. 2, liv. 8, cap. 27.

NOTA (*b*).

De transformar o ouro em lindas rosas.

Levava huã vez a Raynha Sancta muytas moedas no regaço pera dar aos pobres, e encontrandoa el Rey lhe perguntou que levava, e ella disse levo aquy rosas. E rosas vio el Rey naõ sendo tempo dellas. E com este milagre se pinta a Sancta Raynha em algumas partes.

Fr. Marcos de Lisboa, part. 2, liv. 8, cap. 31.

NOTA (*c*).

Ou como ardentes pyras lhe obedecem.

El Rey Dom Dinis no tempo de seus vicios, em que ao demonio servia e a sua carne, induzido tambem per o

NOTAS DOS DOIS CANTOS.

NOTA. (*a*)

Que Rainha de paz celebra o Mundo.

Seria longo contar com quantos trabalhos e perigos reconceliou esta Sancta Raynha o Principe seu filho com el Rey seu pay, em muytas desavenças que por maos conselheiros teveraõ. Nas quaes obras era cousa de maravilhar, como por virtude de sua oraçaõ e bondade se aplacavaõ os corações por mais danados e irados que estevessem. E o mesmo zelo teve de pacificar el Rey com seus vassalos, salva sempre a justiça e o mover a fazer merces aos seus, e tirarlhe todo desgosto dos seus criados se o tinha. Nem tinha menos cuydado de pacificar os vassalos de seu reino, quando entre algus nobres avia differença, inda que as vezes isto fosse muyto a

recado del Rey aos cozedores do forno, se compriraõ seu mandado, e elles responderaõ que si. E tornando com a reposta a el Rey, ficou fora de si, vendo que acontecera o contrario do que ordenara. E reprendendoo e preguntando onde se detevera tanto, lhe respondeo o moço da camara da Santa Raynha : Senhor passei por junto de huã igreja, e ouvindo tanger a campa alevantar o Senhor, entrey dentro a ver Deos, e começouse outra missa, e antes daquella acabada outra, e esperey que se acabasse, porque meu pay me lançou por bençaõ que a toda a missa que visse comessar estevesse te o fim. E cahio el Rey por este juizo de Deos na conta da verdade, e innocencia da gloriosa Raynha, e da virtude do seu moço da camara e deixon toda imaginaçaõ. E mostra nosso Senhor neste cazo o valor da innocencia e virtude, e devoçaõ das missas e santissimo sacramento, e tambem como a malicia caye nos laços, que pera os innocentes arma.

Fr. Marcos de Lisboa, part. 2, liv. 8, cap. 28.

NOTA (*d*).

Que á sua voz potente promptas cedem.

Indo el Rey e a Raynha visitar a igreja de Santa Eyria, cujo sepulcro está defronte della no meo do Tejo com hum grande padraõ de pedra a modo de pyramide,

as agoas do Tejo se abriraõ, e descobriraõ até o fundamento aquelle deposito maravilhoso da Santa protectora da villa, e da qual ella retem o nome de Santarem, ou Santa Erena.

Brandaõ. 6 pt., liv. 19, cap. 44.

NOTA (*e*).

Erre, vaguee pelo reino todo.

A cabo de tempo sendo El Rey Dom Dinis em Santarem aconselharomno que partisse de si a Rainha, e que El Rey tolhesse as villas, e os logares que per o Reino tinha, as rendas que havia, dando a entender que se nom podia ordenar cousa em sá casa contra o Infante do que se ordenava que nom fosse guardado, e prohibido per ella, segundo o Infante fora em aquelle logo de Sintra, hu El Rey o cuidava a apoderar, e que em teendo os seus logares, e villas, e recebendo as rendas, que sempre a Rainha faria acorrimento ao Infante para se manteer. El Rey segundo aquelle conselho, mandou a Rainha para huma villa a que dizem Alanquer, e tolherom lhe os logares, e villas, e as rendas que havia.

Vida da Raynha Santa Isabel: Monarch. Lusit. 6. Pet.

NOTA (*f*).

Do belligero Souza, pulchro ousado.

Conde D. Martins Gil de Souza, Alferes Mor.

NOTA (*g*).

A animar-te com gesto affavel, brando.

Vivendo a Sancta Rainha e cumprindo seus dias em tanto serviço de nosso Senhor, soube como el Rey dom Afonso seu filho estava defferente com el Rey de Castella seu neto, e em risco de virem a guerra. Do que a Sancta se affligio muito e per vezes com muitas lagrimas pedia a nosso Senhor que se avia de aver guerras entre os Reys seu filho e seu neto, a levasse primeiro pera si por naõ ver tantos males. E com esta angustia determinou partirse logo pera Estremoz onde estava el Rey seu filho pera o concordar com el Rey de Castella seu neto. E posto que os seus aconselhavaõ que deixasse passar as calmas, por o perigo que avia de caminhar em tal tempo, a Sancta naõ desistio disso antes respondeõ, que em nenhuma cousa podia melhor acabar seus dias, que em trabalhar por se evitarem taõ grandes males, como soc-

cederiaõ de guerras entre estes dous reinos. Partio-se logo pera Estremoz, onde chegando lhe acudio grande febre. E crescendo a febre, estando a Rainha sua nora assentada junto della lhe disse. Filha e Senhora, dai lugar a essa dona que ahy vem. E preguntandolhe a Rainha sua nora, que dona era aquella, respondeo a Sancta. Essa das vestiduras brancas. E como naõ foj vista alguã pessoa, teveraõ todos, que nossa Senhora Madre de Deos, cuja devota a rainha santa era a viera visitar e consolar. O dia seguinte sesta feira (5 de julho 1332), se fez muy solenne saimento por todos os prelados que na corte estavaõ. E depois de comer, por que a sancta rainha se mandava enterrar em sancta Clara de Coimbra, el Rey seu filho a mandou levar, inda que contra parecer de muyto, que tinhaõ por certo, por as calmas, e muitas jornadas se corromperia o corpo, e com fedor se naõ poderia levar. Mas nosso Senhor nisto mostrou primeiramente a gloria, da sua Santa Serva e seus merecimentos, que andando sete jornadas, e na força das calmas, naõ só naõ sentiraõ mao cheiro, mas suavissimo cheiro que confortava a todos.

Fr. M. 2, part. 2, liv. 8, cap. 32.

NOTA (*h*).

Já Roma eximia, capital do mundo.

Por a santidade da vida e gloriosos milagres desta

rainha Sancta Isabel, sendo informado o papa Leo decimo a petiçaõ del rey Dom Manuel, rey de Portugal, deu licença que se fezesse o officio divino e festa da santa rainha e missa em o dia de seu passamento. E despois o papa Paulo quarto a petiçaõ del Rey de Portugal Dom Joaõ o terceiro deu licença e authoridade que em todos os reinos e senhorios de Portugal se fezesse festa e solennedade desta santa rainha e podessem ter sua imagem, e encomendar-se a seus merecimentos posto que naõ seja solennemente canonizada em toda a igreja.

Idem.

NOTA (*i*).

Uma alma que subio á eterna gloria.

Tendo fallecido sua filha Dona Constança que cazou com el Rey de Castella dom Fernando, a Raynha sancta recebeo sua morte com grande paciencia. E mandando-lhe dizer hum anno missas por sua alma e fazendo sempre oraçaõ, acabado o anno lhe appareceo a filha em sonhos muy gloriosa, dando-lhe graças e novas como se hia aos Ceos.

Idem, c. 27.

POESIAS DIVERSAS

TRADUZIDAS

DE ALGUNS VERSOS LATINOS

DE M. SANTEUIL.

POESIAS DIVERSAS

TRADUZIDAS

DE ALGUNS VERSOS LATINOS

DE M. SANTEUIL.

O poeta punido pelas Musas

POR TER PREFERIDO O VINHO DE BORGONHA A'S FONTES CASTALIAS.

Que inverno interminavel! Que inclemencia!
Que rigor desabrido! O crespo Boreas
C' os sopros furibundos tudo cresta,
Varre tudo, domina os emisferios!
Tapete de crystal o Sena tolda,
Lamenta horrorisado a prisaõ dura;
Seu rosto se inteiriça, e se desprendem
Da branca grenha os rispidos cabellos
De gelo intumecidos; do seu queixo
A barba arrepiada se desprega;
Tiritando trabalha por sumir-se
Debaixo do infeliz marmoreo toldo,
Mil grilhões o retem, immovel fica.

Deslisava-se ha pouco, e primoroso
Da cidade rainha ao porto amigo
Meu vinho desejado conduzia;
Agora oh desventura! Apollo irado
Despica vingador das irmãs caras
A despresada gloria; em vaõ supplica
Dos deoses efficaz benigno auxilio.
E possivel será que sorte adversa
Me prive desta dadiva mimosa,
Que Borgonha enviára ao seu poeta,
Pelo Sena gentil c' o leve auxilio
Dos brincadores zefiros? Que influxo
De malfazejo frigido cometa,
Adespeito da tepida atmosfera,
Retem gelada a liquida corrente?
E tu, Marne, que as ondas elegantes
Casavas co' as do Sena, e d' harmonia
Pelos povos em torno derramaveis
Benefica abundancia, que mudança!
Quem tolhe tua lynfa crystalina,
Que outr' ora se detinha a ouvir meu canto?
As Musas vingadoras com Apollo
Castigaraõ em ti, por castigar-me,
De deserçaõ meu crime perdoavel?
Estas queixas sentidas despedia,
Quando em nuvem subtil d' um monte assoma
Uma chusma; das Musas era o coro,
Delicias minhas, minhas complacencias;
Endereçaõ-se a mim, quem póde crello!
O gesto irado, os olhos chamejando,

Asperrimos supplicios me annunciaõ.
Caliope de chofre apaga o fogo,
Que inflammava meu peito; e n' um deliquio
Minha alma enregelada desfalece:
Increpa-me implacavel com motejos,
Por anteposto ter ás sacras ondas
Do turgido Permesso os dons de Baccho,
A's Camenas contrario crime horrendo.
Nossas Castalias, perfido, despresas,
Diz ella, onde bebeste avidamente
Teu estro divinal, que te transpunha
A's celestes abobedas vedadas
Aos miseros mortaes? Que te arranchava
Dos Deoses no congresso radiante?
Quando mancebo fervido imploravas
De nossas sacras fontes a virtude;
Agora velho garrulo as despresas?
Esqueces-te de nós, só Baccho estimas?
Elle pois te illumine os debeis cascos;
Atem-te a elle só, nisto convenho;
Nós outrora comtigo gracejámos,
Como facetas, riamos comtigo;
Mas agora dispensa Apollo e as Musas,
Teu Pindo seja só Dijon querida;
Aprende a dessecar de vinho as taças,
Entaõ trasbordará tumida veia;
Mas sabe que as Pierides, que Apollo,
Quando ultrajadas saõ, logo se vingaõ.
Eólo por cumprir de Febo as ordens
Descadea das concavas montanhas

Os acerrimos ventos; pelas auras
Assobiando indomitos devastaõ
Com horridas procellas quanto encontraõ;
Aquilaõ mais que todos truculento
Os regelos semeia sobre o rio;
Estremece d' horror; naõ se conhece,
Naõ acha mais seu leito, a urna gela,
Tanto podem as rispidas rajadas!
Maldiz a sua estrella, em vaõ relucta,
Seu inimigo austero o aperta, acossa,
O verbera, o fustiga; em fim captivo,
Congelado por cima em vez de quilha
Soffre os cavallos, soffre a ferrea roda.
É de todos ludibrio lamentavel,
É calcado qual marmore massiço,
Suas ondas saõ solidos penedos,
Onde em vez de affundir-se o pé resvala.
O feudo perennal das agoas suas
Naõ mais conduz ao turgido Oceano,
No meio da carreira immoto fica.
Do Pindo desertor, agora fere
A Cithara canora a ver se o Sena
A' tua voz sensivel, carinhoso
Teu vinho te transporta ao porto amigo;
Acarea os Tritões, attrahe as Nynfas,
Que ao barco carregado auxilio prestem.
Assim disse : as Pierides mofaraõ
A grandes gargalhadas do Poeta
Sem vinho, e sem Castalias. Deste exemplo
Deveis tomar liçaõ, presai as Musas.

Indignação do Poeta

NO CAMPO CONTRA UMA LINGUA MA.

De Chantilhy que horrenda peste infecta
Os formosos jardins? Eu vejo as flores,
Nascidas felizmente, definharem
Com lethifero sopro; pouco a pouco
Se despojaõ as arvores das folhas;
Pelos seus troncos lagrimas derramaõ,
Esmorecem, fenecem, naõ daõ fructo.
As Naïadas naõ brincaõ sobre as ondas,
Nem ao alto as arrojaõ como outrora;
Escondem-se no fundo espavoridas,
Seguras só assim: tudo languece.
Os rios naõ murmuraõ docemente;
O seu curso sustem; o bosque espalha
Taciturno silencio; e as mudas aves
Seus antigos hospicios, e seus ninhos,
Já deixaõ constrangidas. Ermos valles,
Inhospitas cavernas, antros tristes,
As Dryadas procuraõ, desertando
Das antigas florestas, onde achavaõ
A segurança e a paz, e aonde alegres

Com grinaldas frondentes me c'roavaõ.
Eu reclinado entaõ á sombra grata,
Enlevado do sitio deleitoso,
Os versos entoava, e repetiaõ
Os meus versos as Naïadas e os Faunos:
Oh que sorte feliz! Que sitio ameno!
Mas tudo se mudou! Oh sorte adversa!
Cruel vicissitude! De repente
Eu sinto arrefecer a Musa minha,
Alentos já naõ tem, em vaõ forceja,
Os versos naõ produz, torna-se esteril.
Aquella mesma praga, aquella peste,
Que infestou os jardins, Nynfas e tudo,
De seu mal me ferio, tornou-me inutil:
É das furias do inferno horrenda furia.
Se vós de Chantilhy presais a gloria,
Esta lingua mordaz bani, ó Nynfas:
Se só de fazer mal nutre desejos
Habite lá nas terras populosas;
Derrame alli seu fel; envolva em guerras,
Em lides, dissensões, seus habitantes;
Moteje, ralhe alli, alli murmure,
Colloque alli seu throno, alli domine.
Trema porem as sacras Divindades
De Chantilhy offender, aonde habitaõ
A sancta paz, a candida innocencia,
Os praseres mais puros; onde é livre
Aos vates delirar em ocio pleno,
Da multidaõ do vulgo longe longe.
Nestes recintos placidos naõ entraõ

Os litigantes, odios, desavenças,
As fraudes, as usuras, a avaresa,
Que invenenaõ do ocio o puro nectar.
Vá-se pois esta furia, e entaõ os hortos
Floreceraõ mais bellos; entaõ Flora
O mal reparará com novo ornato;
Naõ mais lamentará das suas folhas
O perdido ornamento a arvore triste;
De novo ostentará seus bellos pomos.
Condé anima tudo; viraõ logo
As furagidas Dryadas contentes
Das suas caras brenhas tomar posse.
As Naïadas occultas lá nas grutas
A cabeça ergueraõ á superficie,
Significando o seu contentamento.
Elegantes em torno de si mesmas
Suspenderaõ as ondas agradaveis.
Viraõ tambem as aves fugitivas,
Renovaraõ seus cantos, exprimindo
Seu singelo praser. E minha Musa
Agora sem vigor, frouxa, e gelada,
Inspirada do Principe qual dantes,
Descreverá do campo os atractivos
Em singelas canções; ou as façanhas
De Bourbon cantará em marcia tuba,
Quando os louros colher lá n'outros climas.
Em quanto discorri, a negra furia
Aos infernos desceo, unio-se ás outras.

A P. Bellievre.

Ecloga.

QUEIXA-SE O POETA DE SER CONSTRANGIDO A DEIXAR A QUINTA BELLIEVRE, E A RECOLHER-SE A' CIDADE.

Vós montes e florestas de Bellievre,
Delicias minhas, vós tumidos tanques,
Vós fontes crystalinas, Nynfas bellas,
Que folgais de brincar nas lynfas puras
Em singelos cendaes, ao vento soltas
Pelos collos gentis as louras tranças;
Se sois entes sensiveis, se sois Numes,
Pois me vistes nas vossas lindas margens
Compondo e recitando os doces versos,
Recebei minha magoa, os meus queixume
Minha terna saudade. Quando absorto
As vossas solidões mais me entretinhaõ,
Quando gosava a paz, e o ocio brando,
Do campo os atractivos, seus encantos,
Praseres innocentes, a deixallos
Os asperrimos fados me obrigaraõ.
Cruel separaçaõ! Alli fruia

Do incomparavel bem da liberdade,
Da risonha alegria, doce mimo,
Doce conforto d' alma. Ha muito tempo
Com lagrimas, com preces implorava
Taes bens os ceos benignos me outorgassem.
Meus votos attendeo, ouvio Bellievre,
Concedeo-me propicio tal ventura;
Seria entaõ feliz, se elle podera
Os bens que me outorgou fazer estaveis:
Elle estima as Camenas; eu podia
Delirar livremente, compor versos,
De todo abandonar-me á Musa rude,
E tenues sons tirar da agreste avena:
Naõ encontrava alli quem motejasse
Meu praser innocente; quem meus versos
Com censuras mordazes deprimisse:
Naõ suscitava alli com fronte austera
Dissensões nem domesticas discordias
Palemon deshumano; se os naõ dava,
Tambem naõ escutava alheios mandos.
Do estudo quando lasso repousava,
Do bronze atroador o estrondo ingrato
Naõ despertava alli meu brando somno,
Nem das Musas affaveis o commercio
Interrompia naõ; mas eu deixei-vos
A meu pesar, ó selvas, ó collinas,
As Camenas fugiraõ, e os recreios,
Os praseres tambem, tambem fugiraõ.
Quantas vezes dos cumes elevados,
Ao longe as ternas vistas estendendo

De Bellievre avistava o grato hospicio,
E a saudade entaõ desabafava!
Nunca mais te verei, ó nobre alcaçar,
Nunca mais te verei destas montanhas;
Adeos adeos, collinas, para sempre.
Por veredas esconsas dirigia
Meus passos vacillantes intentando,
Mas em vaõ illudir as magoas minhas.
Quaes eraõ meus pesares, vós, ó Nynfas
Que nas praias brincais do bello Sena
Muito bem o sabeis; e vós Deidades,
Que habitais as florestas San-Germanas.
Eu tudo soffreria se a saudade
De meu Bellievre naõ me atormentara,
Mas trago sempre impressa na minha alma
As suas expressões, a sua effigie.
E possivel será gosar ainda
Uma quadra feliz? vãs esperanças!
Naõ ha na terra um Deos igual a elle,
Taõ propicio a Santeuil; ouvia e lia
Os versos que benigno me inspirava;
Igualava-me até aos bons Poetas
Sem eu o merecer, taõ caro lhe era.
Cantavaõ pelas selvas os meus versos
As Nynfas; e as Pierides, e os rios,
Os pastores seu vate me chamavaõ;
E tu mesmo Rapin por estes prados
Naõ tinhas tanta fama como eu tinha.
Quem cruel me arrancou dos meus enlevos!
Já me vaticinava mocho infausto

Em noite procellosa esta desgraça,
Quando já minha sorte lamentava
Não querendo ceder ao fado iniquo.
Quanto alegre me foi, me enjoa agora,
Suspiro mas em vaõ: desde esse tempo
Palemon deshumano me persegue
Por despresar seus mandos. Eu devia
Do fatidico agoiro, se pensára,
Conhecer minha sorte lamentavel;
Mas julguei abrandallo, eu que já pude
Com versos mitigar severo Dite,
É Palemon porem inexoravel.
Destes campos o dono pensou inda
Dar-me doce conforto, dar-me alivio,
Mas infeliz de mim! em vez d' alivio
Nova pena accresceo ás minhas penas.
Intentando nas matas escondido
Os passaros caçar, na til pousados,
Me avistaraõ, meus laços evitaraõ.
Lembrei-me dos viveiros, e entaõ disse:
Os peixes pescarei na minha rede.
Tres vezes a lancei, e quando alegre
Julguei ter boa presa, outras tres vezes
Da rede me escaparaõ. Que faria
Tantas vezes frustrado? As ondas todas
Aos peixes escoei; e pilhei todos;
Mas foi punido o meu atrevimento:
O Deos nu me increpou, e as Nynfas nuas
Lá debaixo das urnas me encreparaõ.

A Cl. Pelletier,

Ministro d' Estado, na sua Quinta.

QUEIXA-SE SANTEUIL PELO NAÕ TER LEVADO COMSIGO.

Pranteai solidões, chorai florestas,
Rompaõ vosso silencio as vossas queixas.
E vós aves dos bosques moradoras,
No canto despedi ternos queixumes;
Vós alinhadas arvores que rega
O Sena quando vem tumido e ufano
A cidade beijar, lançai ao longe
Vossos ramos já murchos, já despidos
De frondosa ramagem; vós collinas
De vides productoras, e vós praias,
Que outrora resonastes c' os meus cantos
Alegres, primorosas, mas agora
Privadas deste gosto, adeos, adeos
Pranteai, suspirai, gemei vós todas,
Nunca mais ouvireis Santeuil o vate.
O que outrora amimava as minhas Musas,
O illustre Pelletier, do Rei Ministro,
Apenas presa já minhas cantigas.

Dos negocios do peso em quanto livre,
Os mimos do retiro em paz gosava,
Na liçaõ dos Poetas se entretinha,
Meus versos tambem lia e os exaltava.
Da cidade intendente, em letras d' ouro,
Meus versos esculpio, honrou meu nome,
A cidade adornou; do Lacio metro
A belleza conhece, estima, e ás vezes
Os versos Laciaes medita e escreve.

Quem dos annos na flor presou as Musas,
Na misera velhice as naõ despresa:
Se no campo tranquillo a vida passa,
As Camenas fieis com elle vivem:
Que subita mudança entaõ foi esta?
Dos que as Musas cultivaõ, tu Rollino, *
O mais conspicuo e sabio, só occupas
Todo o seu coraçaõ; por teus escritos
Tens merito distincto, e sobre tudo
Teus sentimentos puros, e alma pura
Te fazem respeitavel; poucos vates
Dos Deoses iguaes dotes receberaõ.

Decrepito Santeuil já mal se atreve
Com vacillante maõ ferir a lyra,
Nem a tuba embocar c' o debil sopro.
Quando velhos á morte se avisinhaõ,
Entaõ mais docemente os cysnes cantaõ;
Bem diversa a sorte é dos tristes vates;

* M. Rollin, auctor do *Traité des Etudes.*

C' os annos se enfraquece e enerva a mente,
O sangue esfria e gela; e já mal podem
Meditar e escrever com siso e graça.
Meu espirito assim la vai, amigo,
De mim a milhor parte; e á minha fama
Sobrevivo infeliz inutilmente.
Severas leis nos poz a natureza,
Transgredillas jamais os mortaes podem.
Diversas estações o anno offerece;
Succede ao bello estio o rude inverno;
A terra semeada d' altas neves
Já pasma e se horrorisa, quando ha pouco
Mui risonha de flores se c' roava.
D' Apollo os verdes louros já te cedo,
Aos meus annos senis naõ se accommodaõ.
Do monte ao cume intrepido voando
Com juvenil arrojo, que leis duras
Naõ dictarás aos miseros Poetas?
Quem ousará tocar o plectro ou tuba?
Dos Literatos arbitro, Rollino,
Melhor preencherás as minhas vezes;
Tu me expelliste, gosa; e posso acaso
Ter segundo lugar? Hersannio o occupa.
Pranteai solidões, chorai florestas.

A. D. P. Bellievre

EM DEFESA DA FABULA.

Devemos despresar da antiguidade
Os preceitos, as leis? Novos ornatos
Devem ataviar os sacros versos?
Deveraõ perecer eternamente
Dos vates os famosos monumentos?
Das Musas os Poemas delicados?
Tu dos Poetas, Pai, e vós Camenas,
Naõ consintais taõ impio desacato,
Alias para mim nem Divindades,
Nem Numes vós sereis. O vosso nome
Quem depois honrará, se impunemente
Vós podeis tolerar tal sacrilegio?
Porem naõ; os modelos veneraveis
Persistiraõ da sabia antiguidade,
Que a Fabula vetusta consagrara.
As Musas seraõ Numes, e vós rios,
Florestas, arvoredos, fontes, valles,
Inhospitos penhascos tereis Numes.
O Hylas arrebatado sobre a praia
Inda ha pouco chorava o terno Amyntas;
As rochas o choravaõ, fontes, margens,
E a mesma Nynfa cumplice o chorava.
Condoeraõ-se os montes, grossos troncos
Tambem se commoveraõ; gotejaraõ

Dos filamentos seus lagrimas ternas.
Que engenhosas ficções naõ idearaõ
As Musas, os Poetas! Altos muros
Se elevaraõ ao som da maga Lyra:
Transplantaraõ-se os rigidos carvalhos;
Suspenderaõ-se as limpidas ribeiras.
Modelaõ os assumptos como querem;
Novas formas lhes daõ, e varias cores
Os vates caprichosos. Já transportaõ
O que na terra jaz aos ceos, aos astros:
Daõ sentido, daõ vida, e movimento
Aos seres insensiveis immudaveis:
Em suscitar praser, causar deleite
Da Poesia consiste o artificio.
Com certo veo obumbraõ a verdade,
Que de novo atractivo a enriquece;
Maior valor lhe daõ, mais incentivo:
Para mais radiar o sol estima
Encobrir-se de nuvens que se extinguem;
Recrea-se o leitor em por patente
O pensamento envolto em frase occulta;
Quanto mais custa achar, mais se apprecia.
Esta da Fabula é a propria alçada,
Seu magico poder. Já pelos nomes
Dos Deoses chamarei humanos seres:
Será Vulcano o fogo, o trigo Ceres,
E Jupiter a chuva. Se as muralhas
Descrever de Veneza sumptuosas
Direi que alli os Deoses as puseraõ,
Alli nas Adriaticas voragens

Neptuno assome, espavorido admire
Da cidade a soberba perspectiva;
Se os combates cantar, Marte escancare
De Jano o templo, os Deoses se guerreem;
As armas forge nas fornalhas do Etna
Vulcano, aos Thracios rigidos, aos Getas;
Raivosa chame a pessima Discordia,
As Furias infernaes, do Averno as Deosas;
Os rios se horrorisem, pasmem, gelem,
Nos seus antros em quanto as impias guerras
Bellona truculenta enreda, atiça:
Se estas ficções patheticas perecem,
A languida Poesia só desperta
Ao cançado leitor enjoo e tedio.
Das flores que direi? Se naõ tem numes,
Se sensiveis naõ saõ, saber quizera
Por que razaõ é pallida a violeta,
Encarnado o Jacintho? Por que os Euros
A incestuosa Anemone estremece?
A cor do malmequer donde deriva?
Donde a rosa a deduz? Naõ foi por certo
A terra quem lha deo; porem do sangue
De Cupido ou de Venus se coraraõ,
Do sangue d' um amante ou terna amada.
Sem Pomona, jardins, nem flor nem fructos
Jamais produzireis; e se, rebanhos,
Por vós naõ olhar Pan, estais perdidos.
Inviolaveis portanto perseverem
Estes sacros mysterios dos antigos.
Quando alegre cantar os atractivos

De tuas bellas vargens, Bellievre,
Fallarei com as Nynfas, com os Deoses
Dos bosques moradores : faraõ corte
Alli as Graças, soltas as madeixas,
Enlaçaraõ vistosas contradanças.
Do contorno feliz os Deoses, Deosas
Alli acudiraõ; e a turba toda
Dos camponezes rusticos pastores.
Pondo de parte os Satyros, os Faunos
A clava e o tyrso, os tympanos, os sistros
De rijo retinir faraõ saltando.
Toucados de folhagem pampinosa,
Seus cabellos dispersos, as orgias
Com dissolutos canticos festejem.
Já no meio das taças embriagados,
Te façaõ libações a ti, ó Pales,
A ti Padre Leneo; as desgrenhadas,
As impudentes Menades ululem,
Attonitos mancebos affugentem.
Entaõ folga o leitor com taes imagens,
E aos coros festivaes se crê presente;
Apollo tambem folga, elle me applaude,
Toda a Apollinea corte me festeja;
As Nynfas me rodeaõ, e ataviaõ
De louro verdejante a minha fronte.
Do campo o dono amigo se recrêa,
Applaude taes ficções, e da-me alentos.
Longe portanto a gente que profana
Despresa as sacras Musas, só me basta
Que applauda e se compraza Bellievre.

Pomona em Versailles

A Quintinie

Director dos jardins reaes de França.

De Versailles Palacios sumptuosos,
Collinas deleitosas, fontes puras,
Correntes crystalinas, e vós Nynfas,
Que habitaes nestes Regios domicilios,
Quasi naõ sendo rusticas Deidades;
Vós doceis á cultura, Jardins Regios,
Dizei-me, sim dizei-me, donde veio
A nova graça, a nova symetria
As vossas bellas arvores, aos campos?
Vós Nynfas dos jardins, de verde c' roa
Rodeai de Quintino a sabia fronte.
Foi elle que apesar da terra escassa
Dos maleficos astros, florecentes
Tornou estes vergeis, creou as hortas.
N' outros climas em quanto o Heroe invicto,
Luiz colhe os laureis ennegrecidos
Do sangue do inimigo, a frente cinja
De verdes ramos d' arvores viçosas

Postas por tua maõ Quintino illustre.
De Versailles nos campos apprasiveis,
Onde os praseres candidos habitaõ,
Pomona despresada em vaõ gemia.
C' o favor de tal Rei, tudo florece,
Radeiaõ os antigos aureos dias;
Regressadas do exilio as artes bellas
Seu imperio alli tem; as Deosas todas
Se ostentaõ com seus dons; ellas se esmeraõ
Em merecer do Principe os auspicios.
As arvores porem tristes definhaõ,
Carecem de raizes, naõ daõ fructo,
Naõ lhes dá nutriçaõ a terra agreste.
Assim Pomona geme, assim suspira
Entre as suas irmãs; de dor passada
A regia habitaçaõ deixar intenta.
De vergonha se corre, ella se peja
De cortejar o Rei desalinhada,
Sem frondoso, sem flórido atavio,
Que o peito lhe guarneça, esmalte a frente.
Com magoa patenteia os açafates
Vasios de mimosos donativos
Dos fructos do anno, dadivas singelas:
Exacerba-se o Outono, as Nynfas choraõ.
Amofinada e afflicta considera
Que naõ póde attrahir o Rei attento
A mais serios negocios. Vaõs esforços
Seriaõ implorar a terra ignobil,
E as agrestes Deidades. As Campinas
Regeitaõ do cultor as arduas lidas,

Medonha vista estereis apresentaõ.
Quem póde encadear soberbos povos,
Os rios sujeitar; suspensas ondas
Pelos ares guindar por modo estranho,
Naõ poderá das arvores o arbitrio
Regular sabiamente? A natureza
Repugnará indomita render-se
A seu benigno imperio? Talvez ella,
Depondo a rebeldia e triste inercia,
A' cultura flexivel, fertilise,
Fecunde as amenissimas campinas.
Mas onde me arrebato? Entaõ tal era
Da agricultura a face miseravel;
Esteril, sem cultura o campo inutil.
Furagida portanto e abandonada
De seus proprios collonos, esta Deosa
De terra mais feliz demanda as plagas.
C' um nó simples atadas as madeixas,
Seu vestido de cauda arregaçado,
Vexada, pobre, lepida, e ligeira
Aos jardins de Saint-Cloud se endereçava,
Quando a detem Quintino, e seus obsequios
Affoito lhe promette em si fiado.
De Versailles as Deosas se comprazem,
Com tal noticia folgaõ; já se espalha
Um festivo rumor de monte em monte,
Que novas excellencias, novas graças
Vaõ decorar os regios domicilios;
Os vergeis, os jardins, e taes quaes nunca
Podiaõ esperar os jardineiros.

Da agricultura a divinal sciencia
Explica muito bem; como inspirado
Muitos preceitos dá; indaga attento
As mais occultas causas desde a origem
Das producções, dos seres; dos terrenos
Investiga tambem as qualidades;
Dos astros, e dos soes as influencias;
E experiente ensina que naõ póde
Um fecundo paiz sustentar grato
A raça universal das varias plantas.
Dá-se alli a maçã, alem a pera
Se cria saborosa entre os penhascos;
Naõ gostaõ os limões de humidas terras.
Aqui um sol benigno, o ceo sereno
Melhor sasonará gostosos fructos;
Semeadas alli as flores crescem;
Segundo o clima, as arvores prosperaõ.
Já o chaõ c' os adubos melhorado
Vai perdendo a rudesa pouco e pouco;
Se resiste indomavel á cultura,
Deve substituir-se e fornecer-se
De terra pingue e fertil de que abundaõ
Do visinho as fructiferas lesirias.
Se presas do teu predio o fertil solo,
Naõ te pejes trazer canastras cheias
Deste fecundo limo, em pouco tempo
Elle amaciará da tua herdade
A natural bravesa por tal modo
Que já na producçaõ outra pareça.
Assim dava lições, assim preceitos,

Assim aos camponezes ensinava
Os modos de plantar, os tempos proprios,
O modo de enxertar estranhos garfos
Nos arbustos nas arvores. Tem ellas
Invariaveis leis por que se regem.
Já certa sympathia e affinidade
As casa muito bem; já se repellem
Por innata aversaõ e antipathia.
Assim se adoraõ pois, assim se odeaõ.
Já umas se procuraõ amorosas,
E se unem mutuamente em ternos laços,
E seus ramos promiscuos já elevaõ,
Já em torno os estendem ternamente
Em signal de reciproca ternura.
Outras recommendaveis por si mesmas,
C' os seus pomos ufanas, se desdouraõ
De adoptivos arreios enfeitar-se;
Naõ querem uniaõ, naõ se entrelaçaõ.
Se encaixares porem na subtil fenda
De um infecundo tronco fertil gomo
De outra planta, verás em pouco tempo,
De frondosa folhage' enrequecido,
Soberbo aos ceos erguer-se, e presumpçoso
C' o seu leite nutrir alheios filhos.
Naõ te illuda jamais de um fertil solo
A fallaz apparencia; nelle as plantas
Raizes profundissimas arreigaõ,
Mas do tufo escabroso, e quente argila,
Da occulta greda a indole mirrada,
Lhes nega os vitaes succos e esmorecem.

Nem com menos cuidado evitar deves
Os sitios pedregosos, por que logo
Por falta de sustento a planta morre.
Porem cultiva alli um bosque ameno
De plantas odoriferas que chupem
De leve e sem melindre a tenue seiva,
Que praser te daraõ nas madrugadas:
Só lhes basta o rocio, e naõ carecem
De penoso trabalho pára darem
Gratissimo perfume em recompensa.
Se guardares zeloso estes dictames
Serás, ó camponez, affortunado:
Sempre te assistirá léda abundancia;
Os campos os vergeis ha pouco estereis
Daraõ prodigo premio ás lidas tuas.
Explicava-se assim Quintino illustre,
A quem manifestou os seus segredos
Incognitos té li a Natureza;
Quando o chama Luiz, e dos seus hortos
O nomeia Inspector, premeia e honra.
Dos vergeis e jardins a perspectiva
Em breve se mudou: Quintino insigne
Agradaveis os torna e deleitosos;
O pavoroso horror que alli morava
Retira-se veloz; da Lybia adusta
Os rochedos inhospitos procura.
Tudo muda de face com tal mestre,
Tanto é proficua ás terras a cultura!
Com rasaõ se duvida se se deve
A' natureza mais que ás bellas artes.

Alli naõ ha inverno; a primavera
Só predomina alli; tudo é risonho;
C' os seus pomos as arvores se ostentaõ;
De boninas os campos se alcatifaõ;
Bellas selvas, florestas apprasiveis
Espalhaõ gratas sombras, e apresentaõ
Reconditos bellissimos retiros
Aos tumultos da corte inaccessiveis.
De Versailles entaõ nos jardins bellos
Pomona de grinaldas coroada
Entre as Nynfas passeia graciosa,
Nas corbelhas mostrando os gentis pomos
Creados n' um terreno abençoado.

A Coroa,

EXTRAHIDA DO LIVRO I DOS POEMAS DE GUIDO VANINI.

Já brilha o dia, Alumnos do Parnaso,
O dia suspirado, e vem formoso
Nossos votos c' roar, e ver alegre
Magnifico triunfo. Agora, ó socios,
Tomai de Dedalo as ligeiras azas,
Ao novo Rei teçamos nova c' roa.

Ide ligeiros, ide aos altos cumes
Do engraçado florifero Parnaso.
Do Nordeste jamais a furia insana,
Jamais d' Orion os turbidos chuveiros,
Do graniso jamais o duro embate
Fataes lhe foraõ; zefiros macios
Só meiga viraçaõ alli bafejaõ:
Aligeros voai, de lá trazei-me
Purpureas rosas, delicadas flores,
Ao novo Rei teçamos nova c' roa.

Do loureiro immortal que os valles presa,
Que naõ larga tenaz a eterna coma,
Que a mesma Pallas rega com maõ larga,
De que as Musas as frentes ataviaõ,
Deste, ó Socios, colhei fragrantes ramos,
Ao novo Rei teçamos nova c' roa.

Correi agora os montes, as florestas,
Os bosques verdejantes mais occultos,
Os outeiros, os prados esmaltados;
Naõ se poupe trabalho, se é trabalho
Obedecer a Amor que assim o impera.
Uni primevas primorosas flores,
O Narciso primeiro uni ao Lauro,
O Lauro honra Narciso, e este aquelle;
Se nas agoas Narciso se naõ vira
Seria entaõ feliz, mas de si mesmo
Captivo, enamorado, a sua morte
Nos liquidos crystaes achou o triste:
É rubicunda flôr, uni-a ao Lauro;
Ao novo Rei teçamos nova c' roa.

Os Aonios jardins correi velozes;
O gentil Amarantho ao Louro grato
A grinalda tambem orne, embelleze.
Nem a longeva encanecida idade,
As chuvas o Nordeste flammejante,
Os inclementes asperos invernos
Jamais o incommodaraõ; é divino;
Colhei-o pois, uni-o ao Febeo arbusto:
Ao novo Rei teçamos nova c' roa.

O Jacintho trazei, que resentido
Do pristino desar, apenas ousa
Aos ceos erguer o ferrugineo rosto.
C' o filho de Latona disputando
No disco a robustez, a valentia,
Seu perspicaz engenho, sua ardencia,
Seu juvenil esforço, a que se atinha,
Sua perda fatal lhe motivaraõ;
Juntai este tambem ao Febeo ramo:
Ao novo Rei teçamos nova c' roa.

Do prado entre as beldades se enumera
Do amor o mimo, a Rosa ás Musas grata;
Dos males é remedio, o odor conserva,
Té pelo infesto Boreas destruida.
Venus ferio no pé, córou de pejo,
De branca se fez rubra, e mostra agora
De seu crime nefando eterno indicio.
A's capellas de Pesto uni-a, atai-a;
Ao novo Rei teçamos nova c' roa.

Emfim tecei, juntai, uni ao Lauro
A odorosa alfazema, as açucenas,

O puniceo açafraõ, roxas violas,
E tantas quantas delicadas flores
Na doce primavera a terra brota.
Eis a c' roa do Rei, ó socios, basta.

A casa e Jardim de Benedicto Silvatico

Illustre Medico de Padua.*

AO MESMO.

Quem póde, Benedicto, em digno canto
Exaltar teus jardins, teus nobres lares,
Que Padua afformoseaõ, esta Padua,
Que louva os dotes teus com que se illustra.
Trabalho assiduo, merito prestavel,
Atilado saber taes bens te deraõ.
'A frente dos jardins, marmoreo Paço
Erige alto zimborio ás altas nuvens,
Magnificencia e arte apar caminhaõ,
Vistosa symetria em tudo reina.
Logo no ingresso as camaras se avistaõ,

* Traduzidos do Livro II das Elegias de Guido Vanini.

Onde tem domicilio as Graças meigas.
Detem-te, viajante, pasma, admira
D' immensa architectura obra soberba!
Que magestoso portico, e fachada!
Os risos, a alegria, o gesto affavel
Seu assento aqui tem; aqui hospeda
Os amigos o dono generoso,
O illustre Heroe magnanimo e prestante,
De quem saude alcança o triste enfermo.
Anda, apressa-te já que á vista temos
Campo breve, porem bem cultivado,
Onde os arbustos varios se affeiçoaõ
De formas, de feitios engraçados,
E tecem enramados labyrinthos.
Diversas plantas vestem varias ruas;
Perfume grato exhala a panacéa;
Verdejaõ as azedas copiosas,
As peonias verdejaõ; e o de Creta
Nobre dictamo, o musgo, a Paphia murta,
O verbasco se copaõ e recendem;
As verbenas tambem o chaõ obumbraõ,
Nem longe se divisa o malvaisco.
E poderei contar as varias flores,
Recreaçaõ do illustre senhorio?
Olha as puniceas rosas enredadas
C' os lirios côr de neve; a segurelha,
'As abelhas gratissima pastagem;
O açafraõ de Cilicia, o bem-me-queres,
O nardo fragrantissimo, o marroio,
O cheiroso alecrim, serpaõ, e acantho,

Dos quaes a immensa copia a vista alegra.
Colhe os lindos narcisos e os veludos,
A fragrante alfazema. Agora observa
Como o mangericaõ se regosija
Lá naquelle canteiro entre as chicorias;
Como os mastruços e ortelã vecejaõ,
E o jacintho e lodaõ seus braços erguem.
Nem longe vês daqui os ricos pomos,
Belleza dos jardins, de côr punicea.
Attenta o limoeiro e o marmeleiro
Copados de frondifera ramagem;
Os ares embalsama um grato aroma.
De exuberancia tal Corcyra prisca
Se conta outrora fora; assim, Mecenas,
Seriaõ teus vergeis, e os teus, Lucano,
Transpirando suave amenidade.
Olha á direita agora, naõ descobres
As aves clausuradas? Ouve, escuta
O mavioso canto, que amacia,
Qual nos Elysios, os serenos ares.
Attende á suavissima ternura,
Com que pranteia a doce Philomela
Das Daulias aves o fatal desastre.
Escuta o espivitado pintasilgo,
D' hombros pintados, de rosada testa,
Que alterna complicadas consonancias;
A rola que responde á terna rola,
Disputando os accentos namorados.
Que pode haver mais doce que a harmonia
Dos subidos requebros do canario?

Bastante tens ouvido, agora pasce
Teus olhos contemplando as passareiras,
Eis-aqui as perdizes que alardeaõ;
Os faisões presumidos, que blasonaõ
Com roupas de matizes variados;
Bem vês as codornizes sacudindo
As azas brandamente; a cotovia,
Que pelas altas messes se emmaranha;
O papagaio garrulo imitando
Humanas vozes; humida gaivota
Creando os filhos, vozeando a poupa,
E cantilenas mil tecendo o melro.
Amena fonte agora te convida,
Teus passos accelera. Attende, observa
Este lago no centro a cuja entrada
Pulando a verde rã borrifa as agoas;
Aos ares esparzindo as lynfas puras,
Gentilesas multiplices descreve.
Olha o brasaõ no marmore insculpido,
Estes ramos da placida oliveira,
O gallo vigilante, que annuncia
As horas dos estudos. Tu que os presas,
Que te applicas, levanta-te, madruga:
Aquelles que estimula o amor da gloria,
Dos varões magnanimos presada,
Cumpre serem solicitos e activos,
Desterrar cumpre apathica molesa,
O dragaõ os desperte, as leis lhes dicte.
Tanques se vem de concha refulgente;
Dalli do leve tufo as agoas saltaõ;

Fina copia de liquidos espelhos
Recordaõ de Narciso o caso triste.
É tudo resplandor, tudo decora
De um luxo esplendidissimo a elegancia,
E sua galhardia a arte ostenta.
Dircenna pois submetta-se, e Margea,
Ceda do fausto seu Cabura prisca.
Persistaõ, Benedicto, taes prodigios,
Premios de teu saber, dos teus desvelos.
Dos labios teus saude preciosa,
E mais doces que o mel as voses manaõ,
Aonde illustre Mocidade, que ama,
Que exalta o nome teu, o nectar liba.
Lá das correntes puras, onde bebem
D' Elba, Veser, Danubio, Rheno, e Ode
Vem aqui procurar sabios dictames:
Teus sisudos oraculos escutaõ
Praga, Tubinga, o Sármata que o sangue
Do rapido cavallo avido traga:
Idolatra-te a Russia confinante
C' os Hippophagos Moscos: todo o Orbe
Te exalta e te venera. Vive, vive,
Benedicto, por seculos na terra,
Qual outro Podalirio, e depois vôa
A gosar dos ethereos Paraisos.

Na Restauração dos Estudos

A' Mocidade de Luca.

EXTRAHIDOS DO LIVRO 1° DOS POEMAS DE GUIDO VANINI.

Já lá vaõ da Canicula abrasada,
E do Leaõ ignifero os furores;
Amacia-se o ceo, recobra Pallas
Seu antigo esplendor, a insigne Pallas
Esmalte dos Celicolas, e gloria
Dos amantes das Letras. Eia, Moços,
A's Musas consagrados, novo alento,
Novo esforço cobrai; naõ ha estorvos,
Difficuldades naõ, que naõ sopeem
A constancia, e solicitos desvelos;
Trepaõ-se os picos ingremes, alpestres.
Depois que de Minerva desfrutastes
As gratas distracções, os desenfados
Já espraiou a candida Diana
Duas vezes seus fulgidos crescentes.
Agora agora é tempo, illustres Jovens,
De o commercio instaurar das Musas meigas.
Já gosastes assaz dos ledos campos,
Que os fatigados membros refocillaõ,
Que os languidos espiritos refazem.
Lá no campo paterno um prostrou destro

Com ardente pelouro ariscas aves,
Pavidas lebres, cervos fugitivos:
Outro de cães ardidos rodeado,
Perscrutando os covis e os escondrijos,
Os matos açoitando em altas vozes,
Na rede insidiosa as leves corças,
Os rudes javalis caçou astuto.
Este zelando o trafico da casa,
Dos campos a cultura, destramente
Investigou as rusticas fadigas:
Se convem lacerar da terra o seio;
Se requer o podaõ a vinha adulta;
Se abraçar deve os alamos frondosos;
Se convenha romper profundas vallas.
Mais seria applicaçaõ vos chama agora;
Recuperai energicos as perdas,
Degradar cumpre a languida preguiça;
Affugentai de vós torpe indolencia,
E de Morpheo os halitos malignos;
Taõ louvavel designio o ceo prospere,
Fortaleça os espiritos. Se as forças,
Se o antigo valor, pristino esforço
Vos faltaõ, e fraquejais, envergonhai-vos;
Bani, expulsai já de vosso peito
O lethargo, a desidia, a molle inercia;
Briosos recordai a vossa origem:
Naõ dos vossos Avós, o illustre sangue,
Nem os claros brasões d' alta prosapia,
Nem a Patria soberba adereçada
De Marte c' os trofeos; palmas das Musas,

De vosso estudo fervido carecem.
Saltea-nos porem velhice triste,
Encanecida, tremula, cercada
De agudos males, de molestias duras;
Desapparece rapida, fugace,
A juvenil idade esp' rituosa,
Que os trabalhos supporta, entaõ com magoa
O tempo já perdido se lamenta.
Aproveite-se agora, agora tendes
Robustez e energia equivalente
A vossos nobres fins, e mente isenta
De penetrantes, improbos cuidados.
Pelo mar bonançoso se desfraldem
As enfunadas velas, o bom porto
Demande-se, navegue-se com força,
Em quanto os Notos prosperos benignos,
E a mansidaõ do mar vos mimoseaõ.
Sciencia aqui buscais; em quanto muitos
As Pisas instructivas lá nos valles
Do ledo Alpheo procuraõ, e attrahe outros
Em luxo mais esplendida, e mais rica
Dos dons de Pallas, inclyta Bolonha.
E que direi de ti, ó Roma eximia,
Prodiga mãi de estudos, de sciencias,
Delicias minhas? Ah se favoravel
Apollo me aspirar, se prematura
Clotho naõ cortar meus breves dias,
Eu tecerei de ti condigno encomio;
A' Patria consagrai vossos estudos,
Vossas lucubrações; ella agradece,

Ella espera de vós tal sacrificio.
Venturosos daquelles aquem Pallas
Galardoa com premios indeleveis,
Que nem do tempo as iras, nem da inveja
Vorazes roubaraõ. Reanimai-vos,
Arrostai os obstaculos difficeis;
Eu naõ vos deixarei; já doutrinando,
Já demonstrando o placido caminho,
Tentarei conduzir-vos em meus hombros
Aos altos cerros dos Aonios montes.

A Bolha

OU LAGRIMAS DE FILLIS CONVERTIDAS EM BOLHA, E DEPOIS EM ESTRELLA.

Metamorphose.

PREFAÇÃO DA BOLHA.

Ao Leitor.

Naõ pasmes naõ, Leitor, se te apresento
Os brinquinhos pueris, as ninharias,
Com que me diverti na minha infancia:
Recordallos é doce, e as Musas folgaõ.

É livre a cada qual cumprir seu gosto,
E como mais lhe apraz tomar deleite.
Depois de serias lidas quem me tolhe
Honesta distracçaõ, util recreio?
As contendas das rãs cantou Homero,
O seu mosquito celebrou Virgilio;
E naõ poderei eu cantar a Bolha?
Naõ me aprestou os calamos Apollo?
De animalla pejou-se por ventura?
Se naõ gostas do brinco a Bolha extingue
Assopra-lhe que logo se dissipa.
Saõ as pompas do mundo e seus engodos
Globos de espuma, e ventoinhas tudo:

O formose puer, nimium ne crede colori.

A Bolha

OU LAGRIMAS DE FILLIS CONVERTIDAS EM BOLHA, E DEPOIS EM ESTRELLA.

Metamorphose.

Naõ mais choreis Phaetonte, Jrmãs afflictas,
Naõ mais o lamenteis; embora estillem
Vossos olhos suavissimos alambres
A's donzellas gratissimos, de Fillis

Prefiro as ternas lagrimas, que em breve
Transformarei em nitidas estrellas.
Se dos Vates a Fabula naõ mente
Seus amores carpia a branda Fillis;
Amor compadecido naõ supprimas
(Lhe diz) os ternos prantos porque quero
Em nitidas estrellas transmutallos.
Entaõ em lisa concha elle os recebe,
Mistura-lhe agoa e delicadas cores;
Condensa-se o licor, o Deos mexendo,
E logo apto se torna ás varias formas.
Depois o extrahe com tubos sorvedores,
De vento os tubos enche, e entaõ a gota,
Oh pasmo! se entumece, e breve globo
Descreve, que empolando a copa toda
Do vaso orbicular depressa abrange.
Tantas cores naõ veste o ceo brilhante,
Com tantas naõ se esmalta o gentil prado,
Nem com tantas o mar nas varias conchas,
Quantas a Bolha singular matizaõ.
Das nuvens Iris vê que lhe usurparaõ
As galas privativas; e invejosa
Intenta anniquilar as vitreas formas
Com lethifero sopro; as obras suas
Porem defende Amor; o bafo infesto,
As azas adejando aparta, arreda.
Novas fraudes entaõ sagaz medita:
Dissimula-se amante, e a obra exalta,
Applaude Amor artifice, e os matizes
De furtacôres; fervida esquadrinha

Como a Bolha do calamo despega,
E imperceptivelmente se entumece;
Espreita do licor a natureza,
Os elementos seus, os instrumentos;
Observa emfim as flammulas girantes,
As ventoinhas lucidas aereas,
E quanto nesta fabrica se emprega.
Estimulada entaõ a dor acerba
Naõ mais pôde occultar, e desafoga:
« Que nova Bolha é esta que atrevida
Imita impunemente as galas minhas?
Que aos meus honrosos titulos aspira
De Rainha e de mãi das multicôres?
Quem poderá vedar que feita Iris,
Feita Nuncia de Juno sobre as nuvens
Se avantaje aos meus arcos, me supplante?
Ai de mim! sem razaõ Iris me app' llidaõ. »
Nisto Venus acode, a magoa adoça,
E o brincalhaõ Amor assim desculpa.
« É obra de creança, imagem clara
Do ceo sereno a Iris que te assusta;
Sem depender de nuvens transparentes,
O sopro lhe dá vida, e lhe dá morte,
As auras daõ-lhe o ser, e o ser lhe acabaõ:
Repara, attende tu, pois os naõ sabes,
Que eu te explico os reconditos mysterios.
Este informe licor de manso e manso
Que dentro se elabora, o tubo embebe,
Quer aura genital, por alma aguarda,
Tu menino lha infunde, extrahe do peito

Modica viraçaõ, com tento a applica,
Que ao brando sopro o liquido obedece,
E do madido tubo a Bolha solta.
Imperceptivelmente se intromette
Em seu rotundo seio a subtil aura;
Que dilatar a faz com gentil brio.
Entaõ sim é que brilha e reverbera
As multicôres lucidas, fugazes;
A cada movimento as ganha, as perde;
Por natura voluvel tanto adeja
Tanto se agita, tanto se remoça.
Affogueada já debaixo da agoa
Dardeja sem calor os brandos fogos,
Já presaga da efemera existencia
Lividas manchas frigida concebe.
Se agoas demasiadas por acaso
Absorveo o canudo, inesperada
Uma Empola succede a outra Empola.
Se pejada dos succos excessivos
Morre em vez de nascer, bafeja o tubo,
Fervido anima os liquidos restantes,
Que aptos em côres saõ, pingues, fecundos.
Assim finando aquella, melhor Bolha
Resurge de improviso, e inda que fragil,
E semilhante ao vidro, imita o bronze,
Seja embora caduca, embora tenue.
Das Borbulhas artifice engenhosa,
Festiva mocidade, agora aprende
A que azares fataes estaõ sujeitas.
Os meninos illude por mil modos

O perfido licor ; já se deslisa,
Já do tubo se esvãe, e entaõ sobre elle
Em vaõ lida o menino, em vaõ tentêa.
Outras vezes na gota persevera,
Por mais que sopre e bufe e que arte empregue,
Debalde explora o calamo e o concerta,
Exaspera-se em vaõ, e se esconjura,
Naõ fecunda ao seu bafo a agoa inerte.
Talvez porque a subtil alma engendrada
Da avena já gretada se evapore,
Ou talvez por ser esta muito estreita
Com nós embaraçada ou entupida,
Ou por que seja emfim o engrediente
Liquido em demasia ou condensado.
Se de formar a Bolha te glorias,
Comprime os labios teus, comprime o sopro
Alias resolvendo-se de chofre
Na primitiva gota se malogra,
E sua perda entaõ, menino, choras.
Quantas Borbulhas vi que se perderaõ
De um vento immoderado ao bafo impropr:
Se este as agita e impelle com violencia,
Se impetuoso é, naõ o sopportaõ,
Prematuras no calamo perecem.
Nesta obra tambem tu reprime os risos.
Quantas vezes os nitidos olhinhos
Do menino risaõ frustrada a obra,
Oh magoa acerba! lagrimas verteraõ.
Do frio e do calor tambem proscreve
O halito lethifero, e mormente

O ciume dos emulos meninos.
E pretendes saber donde procedem
As innumeras cores? Se é verdade,
Das agoas naõ vem todas, mas dos choros
De Fillis amorosa a origem trazem.
Por suas niveas faces, por seus labios
Correndo as ternas lagrimas libaraõ,
Daquellas o candor, o rubor destes:
Ou dos raios do sol bebendo o Globo
Reflecte as bellas variadas côres.

O refluente humor deve ensinar-te
Se a Borbulha pendente inda tolera
O sopro que a entumece gradualmente,
Porque se se extravasa, se trasborda,
Naõ mais se enfuna a tumida Borbulha;
Cohibe entaõ o sopro, e verás logo
Como deixando o calamo, e o pai terno,
Volitando se entrega ao ar voluvel:
Pois tendo preenchido o seu tamanho,
Tratando de escapar-se, mal segura
Lampeja, tremelea, roda, gira
Pelas bordas do tubo até que marcha.
Preserva-a entaõ do vento a fim que insano
No meio do praser a naõ lacere.»

A Deosa assim fallou, porem naõ pôde
Sanar de Iris a dor; a inveja, as iras
Requintaõ quanto mais o Amor desculpa.
Com o amparo da mãi, o Amor ufano
Abre as azas, c' o dedo aperta os labios,
Forma Bolha gentil da aura ludibrio.

Para melhor voar, c' o seu bafejo,
E pennas a proteje, inda que aos ares
Se abalançava sem estranho auxilio.
Pequenina assim vai a grandes ditas.
Os mininos aligeros em roda,
E por cima, e por baixo com as azas,
Com seu bafo a cortejaõ, a saudaõ.
Em quanto sóbe vai reverberando
D' encontrados objectos as imagens;
Representa cidades, povos, campos,
Bosques, montes, e limpidas ribeiras.
A lua ja visita e sol e estrellas,
Carregada porem de tal riqueza
Só se gloria da gentil leveza.
Afim de receber os elogios,
D' aliciar as vistas que a acompanhaõ,
Caminha de vagar, é tardo o vôo,
Demanda assim do ceo a patria esfera.
Do singular prodigio pasmaõ todos,
Só Iris tem inveja; a si, aos olhos
Seu pai dá apenas credito, anhelante
Duvidoso do lepido successo,
Segue a Bolha volante ao seu destino.
« Vai, ó Bolha, diz elle, entra, penetra
Por essas regiões de immensa altura. »
Afim que a naõ destrua e desbarate
Dos ventos a atrocissima caterva
A guarda Amor; c' o leque e mais c' o as azas,
C' os suspiros de leve ventilando,
A faz girar e erguer maciamente.

Já passa os altos montes, vence as nuvei.
E as regiões aerias tormentosas,
Aborda emfim o Ceo, lá onde os ventos
Dos Deoses os recintos mais naõ tocaõ.
Entre applausos geraes aqui a Bolha
Colloca entre as estrellas. Era dantes
Mui lucida e volatil, mas agora
É mais lucida ainda, immota, estavel
Bebe os raios do sol e a luz dos astros.
A modo de metal, o vitreo corpo
O sol lhe consolida, ou á maneira
De ladrilho na forja recosido,
Conservou a celindrica figura.
  Daqui vem que volitaõ inda hoje
As Bolhas pelas auras, mas a poucas
É dado topetar aos altos polos.
Levantando-se apenas, vingativa,
Iracunda por terra Iris as lança,
Em vez de estrellas, as resolve em gotas.
  Mas tu serás estrella, ó Bolha minha,
Em quanto lá no ceo houver estrellas;
E poderei gosar c' os teus auspicios
Dias affortunados e propicios;
E se me bafejar benigna a sorte
Tu me collocarás lá nessa Côrte
Apar de ti, ó Nynfa grata e bella,
Em galardaõ de te fazer estrella.

FIM.

[illegible]

[illegible] — 1676 — 22 de [illegible]